



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
ESCOLA DE DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DANÇA**

**MARIA LUIZA DA SILVA MEIRELES**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**MEMORIAL REFLEXIVO DESCRITIVO OU DANÇANDO COM A ACADEMIA**

**A AUSÊNCIA DE BAILARINAS NEGRAS NAS COMPANHIAS  
PÚBLICAS DE DANÇA NO BRASIL: FACETA DO RACISMO  
INSTITUCIONAL BRASILEIRO**

Salvador  
2022

**MARIA LUIZA DA SILVA MEIRELES**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**MEMORIAL REFLEXIVO DESCRITIVO OU DANÇANDO COM A ACADEMIA**

**A AUSÊNCIA DE BAILARINAS NEGRAS NAS COMPANHIAS  
PÚBLICAS DE DANÇA NO BRASIL: FACETA DO RACISMO  
INSTITUCIONAL BRASILEIRO**

Memorial apresentado ao Programa de Pós-Graduação  
em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da  
Bahia para qualificação.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Bemfica Guimarães

Banca examinadora: Profa. Dra. Carmen Luzia Ferreira

Profa. Dra. Amélia Souza Conrado

Salvador  
2022

**Meireles, Maria Luiza da Silva.**

Memorial reflexivo descritivo ou dançando com a Academia: a ausência de bailarinas negras nas companhias públicas de dança no Brasil: faceta do racismo institucional brasileiro / Maria Luiza da Silva Meireles. - 2022.

90 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Orientadora: Profa. Dra. Daniela Bemfica Guimarães.

Memorial (qualificação) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Salvador, 2022.

1. Dança. 2. Dança - Brasil. 3. Balé (Dança) - Aspectos sociais - Brasil. 4. Companhias de dança - Brasil. 5. Negras na arte. 6. Racismo na arte. I. Guimarães, Daniela Bemfica. II. Universidade Federal da Bahia. Escola de Dança. III. Título.

CDD - 793.30981

CDU - 793.3:323.14(81)

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	<i>Queens</i> de Ohad Naharin para o Balé da Cidade de São Paulo, 2003.....	10
<b>Figura 2</b>	<i>Dualidade@br</i> de Gagik Ismailian para o Balé da Cidade de São Paulo, 2002.....	17
<b>Figura 3</b>	<i>Entre a minha mão e a sua há mais que um abraço</i> de Luiza Meireles e Jai Bispo para o Balé Teatro Castro Alves, 2020.....	19
<b>Figura 4</b>	<i>Entre a minha mão e a sua há mais que um abraço</i> de Luiza Meireles e Jai Bispo para o Balé Teatro Castro Alves, 2020.....	20
<b>Figura 5</b>	<i>Entre a minha mão e a sua há mais que um abraço</i> de Luiza Meireles e Jai Bispo para o Balé Teatro Castro Alves, 2020.....	20
<b>Figura 6</b>	<i>Concerto para o guarda-roupa</i> para o Balé Teatro Castro Alves e Orquestra Sinfônica da Bahia, 2020.....	27
<b>Figura 7</b>	<i>Lub Dub</i> de Jae Duk Kim para o Balé Teatro Castro Alves, 2017.....	28
<b>Figura 8</b>	Citação de Conceição Evaristo.....	29
<b>Imagem 1</b>	<i>Chama: Coreografia para artistas incendiárixs</i> , de Jorge Alencar e Neto Machado para o Balé Teatro Castro Alves, 2018.....	41
<b>Imagem 2</b>	<i>Lugar de Preta</i> de Luiza Meireles para o Balé Teatro Castro Alves, 2018.....	43
<b>Imagem 3</b>	1ª Turma do PRODAN, a Profa. Dra. Ana Elisabeth Simões Brandão, o Prof. Dr. Antrifo Ribeiro Sanches Neto e Profa. Dra. Ciane Fernandes, 2019.....	47
<b>Imagem 4</b>	1ª Turma do PRODAN, a Profa. Dra. Ana Elisabeth Simões Brandão, o Prof. Dr. Antrifo Ribeiro Sanches Neto e Profa. Dra. Ciane Fernandes, 2019.....	48
<b>Imagem 5</b>	Mestrandes com a Profa. Dra. Lia Robatto, 2019.....	48
<b>Imagem 6</b>	Mestrandes com o Prof. Dr. Leonardo Sebiane Serrano, 2019.....	49
<b>Imagem 7</b>	Mestrandes com a Profa. Dra. Vanda Machado, 2019.....	49
<b>Imagem 8</b>	Mestrandes com a Profa. Dra. Vanda Machado, 2019.....	50
<b>Imagem 9</b>	Mestrandes com o Prof. Dr. Eduardo Oliveira, 2019.....	50
<b>Imagem 10</b>	Mestrandes com Manfred Stoffl (Diretor do Instituto Goethe), 2019...	51
<b>Imagem 11</b>	Mestrandes com a Profa. Dra. Terezinha Fróes Burnham e a Profa. Dra. Marise Sanches, 2019.....	51
<b>Imagem 12</b>	Com Nei Lima durante aula com o Prof. Dr. Leonardo Sebiane, 2019	52
<b>Imagem 13</b>	Apresentação oral com o mestrando Leonardo Luz no Comitê Temático “Dança e Diáspora Negra: Poéticas políticas, modos de saber e epistemes outras” do 6º Congresso Científico da ANDA, 2019.....	63

<b>Imagem 14</b>	Cartaz de divulgação do Congresso Virtual UFBA – Universidade em Movimento, 2020.....	64
<b>Imagem 15</b>	<i>Lugar de Preta</i> de Luiza Meireles para o BTCA, 2019.....	65
<b>Imagem 16</b>	Cartaz de divulgação da 1ª Mostra Etnografias Urbanas Subversivas, 2019.....	67
<b>Imagem 17</b>	Cartaz de divulgação da Aula Inaugural do Curso de Especialização em Educação, Cultura e Diversidade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), 2019.....	69
<b>Imagem 18</b>	Cartaz de divulgação da apresentação do solo <i>Lugar de Preta. Uma Conversa Performance Autobiográfica</i> , 2020.....	72
<b>Imagem 19</b>	<i>Entre a minha mão e a sua há mais que um abraço</i> de Luiza Meireles e Jai Bispo para o BTCA, 2020.....	73
<b>Imagem 20</b>	Círculo de Conversa: Uma Coisa Leva a Outra.....	75
<b>Imagem 21</b>	Live com a poeta, psicanalista e filósofa Viviane Mosé, 2020.....	76
<b>Imagem 22</b>	Live do projeto Conversas Plugadas, do Teatro Castro Alves, 2020..	78
<b>Imagem 23</b>	<i>A História do Soldado</i> de Jorge Silva para o Balé Teatro Castro Alves, 2019.....	80
<b>Imagem 24</b>	Praia de Amaralina, 1983.....	81
<b>Imagem 25</b>	Sankofa.....	83
<b>Imagem 26</b>	Resultado final da Seleção da Turma do PRODAN 2019.....	84
<b>Imagem 27</b>	<i>Urbis in Motus</i> para o Balé Teatro Castro Alves, 2019.....	85
<b>Imagem 28</b>	<i>Urbis in Motus</i> para o Balé Teatro Castro Alves, 2019.....	89

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INÍCIO</b> .....	<b>6</b>
<b>1.1</b>	<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>1.2</b>	<b>ARTIGO: DE DENTRO: PERCEPÇÕES E CONFABULAÇÕES DE UMA INSURGENTE ARTISTA DA DANÇA</b> .....	<b>9</b>
<b>1.3</b>	<b>ARTIGO: A FALTA DE REPRESENTATIVIDADE/VISIBILIDADE DO CORPO NEGRO NA CENA DA DANÇA NO BRASIL</b> .....	<b>35</b>
<b>2</b>	<b>MEIO</b> .....	<b>41</b>
<b>2.1</b>	<b>PERCURSO ACADÊMICO E SUAS ENCRUZILHADAS</b> .....	<b>41</b>
<b>2.1.1</b>	<b>Prodan: Descrição do Histórico Cursado. Disciplinas Obrigatórias e Facultativas</b> .....	<b>41</b>
<b>2.1.2</b>	<b>Participação em Eventos Científicos e Acadêmicos</b> .....	<b>62</b>
<b>2.1.3</b>	<b>Participação em Eventos Científicos e Acadêmicos com Publicações e Apresentações Orais</b> .....	<b>64</b>
<b>2.1.4</b>	<b>Participação em Eventos Científicos e Acadêmicos com Apresentações Artísticas</b> .....	<b>64</b>
<b>2.1.5</b>	<b>Ações Teórico-Artísticas Relacionadas ao Tema da Pesquisa</b> .....	<b>66</b>
<b>2.1.6</b>	<b>Participação em Mesas, Debates, Colóquios e Lives</b> .....	<b>74</b>
<b>2.2</b>	<b>FILME DANÇA “BENÇÃO, DANÇA, VENÇA”</b> .....	<b>79</b>
<b>2.3</b>	<b>XIRÊ VIRTUAL: ORALIDADE, RELATOS DE EXPERIÊNCIA E AFETOS ENTREVISTAS</b> .....	<b>79</b>
<b>3</b>	<b>INÍCIO</b> .....	<b>81</b>
<b>3.1</b>	<b>AVANÇANDO PARA O COMEÇO</b> .....	<b>81</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>85</b>

# 1 INÍCIO

## 1.1 APRESENTAÇÃO

Antes mesmo de iniciar o Mestrado Profissional em Dança pela Universidade Federal da Bahia, eu vinha pensando, elaborando e criando artisticamente a respeito de um tema que me acompanhava desde a infância: ser a única menina negra nos ambientes que frequentava longe do meu círculo familiar. Naquela época, eu ainda não tinha repertório pessoal para compreender que o incômodo que sentia por ser constantemente vigiada e cobrada em demasia, por uma perfeição que jamais alcançaria, era proveniente do racismo!

Depois de vinte anos atuando como bailarina profissional, sempre em Companhias Públicas de Dança no Brasil, entendi que para conseguir prosseguir emocionalmente saudável dançando em um ambiente majoritariamente branco seria necessário me posicionar sobre o tema. A ausência de bailarinas negras nas Cias Públicas brasileiras de Dança não era um assunto abordado ou sequer percebido pelo meio artístico da Dança. Foi nesse contexto de completo silêncio e negação do racismo, que é tão presente em toda a sociedade brasileira, que despretensiosamente iniciei conversas com elenco e direção da Cia de Dança em que atuo, o Balé Teatro Castro Alves (BTCA).

Eu acreditava que encontraria apoio de todas as pessoas da Cia, já que a ausência de bailarinas negras era um problema que não se podia negar. Naquele momento, eu tinha comigo em cena apenas mais uma bailarina negra no elenco. Mas, novamente como um espelho do que acontece em todos os setores da sociedade brasileira, meus questionamentos foram rebatidos com muita violência por pessoas que, antes mesmo de considerarem refletir sobre a questão, tinham pressa em se defender do que elas entendiam ser uma acusação pessoal de racismo.

Decidida, então, a enfrentar as intempéries, passei a provocar a discussão sobre o tema em todas as ocasiões que eu considerava pertinente e, concomitantemente, iniciei um intenso trabalho de pesquisa de movimento cumulada à pesquisa teórica sobre questões raciais. Eu já havia estreado o solo de Dança resultante dessa pesquisa de exatos 09 (nove) meses de duração quando fui admitida como aluna do Programa de Mestrado Profissional da Universidade Federal da Bahia – PRODAN/UFBA. Ao longo do curso, parte considerável de minha atuação artística esteve imbricada com a pesquisa que se aprofundava no ambiente acadêmico.

Neste Memorial que agora apresento, mostrarei as encruzilhadas em que as pesquisas acadêmicas, atuação artística e vida pessoal se encontraram nesse período de profundo aprendizado junto às colegas mestrandas/os e docentes generosas/os. Como resultado da pesquisa, entrego 01 (um) artigo acadêmico já publicado, 01 (um) artigo acadêmico a ser publicado, 01 (um) filme dança e 01 (um) Manual de Sobrevivência para Bailarinas Negras em Cias Públicas de Dança no Brasil:

<https://drive.google.com/file/d/1P13Y2pJ0DCr3rmZTQd4Z-8fW2v2RII1V/view?usp=sharing>

Além da minha experiência de 29 (vinte e nove) anos como bailarina atuando em Cias Públicas até os dias de hoje, realizei entrevista com 08 (oito) artistas da Dança, e extensa pesquisa bibliográfica para a realização dos artigos, do filme dança e do manual.

O Manual é dividido em duas partes e apresentado em formato de livro digital. Na primeira parte compartilho sete capítulos, ou sete encruzilhadas, em que menciono sete situações desafiadoras que experimentei (e ainda experimento) como bailarina negra numa Cia Pública de Dança majoritariamente branca. Em cada encruzilhada apresento uma estratégia de sobrevivência seguida de um pequeno glossário em linguagem coloquial com palavras que dediquei mais atenção no texto, com o intuito de contribuir para o letramento racial das leitoras. Na segunda parte do Manual, ofereço às pessoas entrevistadas por mim no decorrer da pesquisa de mestrado um bilhete escrito e outro dançado, este último disponibilizado em *QR code*.

O filme dança "Benção Dança Vença" foi filmado com o diretor audiovisual João Guerra num casarão construído na primeira metade do século XIX, durante o período colonial brasileiro. Naquele tempo, o único lugar em que pessoas negras tinham acesso irrestrito era a senzala, surpreendente e assustadoramente intacta até hoje. Dançar pelo casarão e ocupar seus espaços com minha dança e minha trajetória foi como experimentar a dor incrustada naquelas paredes, mas também a emoção contida na liberdade de não precisar permanecer naquele lugar. Não estive só naquele ambiente... E apesar da dor, saí mais forte!

Seguindo os rastros de Nego Bispo, apresento este Memorial dividido em 03 (três) partes: Início, Meio e Início. No Início, apresento o artigo ainda não publicado. Todas as imagens contidas neste artigo receberam descrição em nota de rodapé.



Apresento ainda um artigo já publicado em 2019 e escrito juntamente à Leonardo Luz. No Meio compartilho meu percurso acadêmico, atravessado por incursões artísticas e intelectuais. Finalmente, num novo Início trago a miragem escrita do meu desejo de seguir em movimento com olhos no passado e foco firme no futuro.

## **1.2 ARTIGO - DE DENTRO: PERCEPÇÕES E CONFABULAÇÕES DE UMA INSURGENTE ARTISTA DA DANÇA**

Luiza Meireles (PRODAN/UFBA)

**Resumo:** Este artigo apresenta uma proposta de pesquisa que aborda a invisibilidade de bailarinas negras na cena das Companhias Públicas de Dança no Brasil. Têm como objetivos fomentar a discussão sobre o tema a partir da perspectiva de uma artista que trabalha como bailarina a quase 03 (três) décadas nesse mercado específico das Cias Públicas, contribuir para a valorização destas profissionais por meio de discussões que fortaleçam discursos de empoderamento étnico-social com implicações sobre gênero, classe e raça na cena da dança brasileira e sugerir ações e caminhos que possibilitem o acesso de bailarinas negras ao mercado das Cias Públicas de Dança brasileiras. A pesquisa se justifica pela importância de um pensamento crítico, reflexivo e político acerca da representação étnico racial no contexto contemporâneo (MOREIRA, 2007), pela obrigatória observância a direitos garantidos pela Constituição Federal do Brasil e pela contribuição ao fortalecimento das artistas negras da dança brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Racismo Institucional. Bailarinas Negras. Escrivência. Cias Públicas de Dança no Brasil.

## 1.1 CONTEXTO

**Figura 1** - *Queens* de Ohad Naharin para o Balé da Cidade de São Paulo, 2003<sup>1</sup>



Foto: Sílvia Machado.

Ocê pensa que caminho e estrada é tudo a mesma coisa, mas tá errado, minha fia. A estrada é uma coisa, o caminho é outra. A estrada é uma via, uma picada no mato, um cortado no chão e é muita. O caminho é quando ocê escolhe uma estrada pra seguir e chegar no seu lugar. (SILVA, 2016 - epígrafe)<sup>2</sup>

Lá de dentro do Balé Teatro Castro Alves, Companhia Pública de Dança em que atuo como bailarina por quase três décadas, vejo, incrédula, gerações de bailarinas negras como eu que tentam acessar postos de trabalho como o meu e não

---

1 Foi durante o processo de remontagem de *Queens* para o Balé da Cidade de São Paulo em 2003 que me dei conta de quantas versões, contradições e complexidades de minha subjetividade eu poderia validar por meio de minha dança. As provocações, perguntas e afirmações do coreógrafo Ohad Naharin abriram um mundo de possibilidades para mim, dentre elas, a autovalorização de quem eu era. Naquele momento eu ainda não sabia, mas foi a partir da experiência no trabalho com Naharin, e sua inesquecível assistente Adi Salant, que percebi o quão era importante para mim grifar minha ancestralidade no meu jeito de estar em cena e no mundo.

2 SILVA, Cidinha da. **Cada tridente em seu lugar**. 3. ed. São Paulo: Mazza Edições, 2006.

conseguem. Estamos em Salvador, cidade mais negra fora do continente africano, e muitas pessoas nunca se incomodaram ou pararam pra pensar no fato de sermos tão poucas bailarinas negras em cena pela Cia de Dança do Estado da Bahia. Infelizmente, a escassez de bailarinas negras é um problema encontrado nos elencos das Cias Públicas espalhadas por diferentes cidades e estados brasileiros.

A partir de informações obtidas por meio de entrevistas<sup>3</sup>, atualmente<sup>4</sup> esse é o número de bailarinas negras nos elencos das seguintes Cias Públicas de Dança no Brasil:

- Balé Teatro Castro Alves: 05 (cinco) bailarinas negras em cena;
- Balé da Cidade de São Paulo: 01 (uma) bailarina negra em cena;
- Balé da Cidade de Teresina: 01 (uma) bailarina negra em cena;
- Balé Teatro Guaíra: 01 (uma) bailarina negra em cena;
- Cia de Dança do Palácio das Artes: nenhuma bailarina negra em cena;
- Companhia de Ballet da Cidade de Niterói: nenhuma bailarina negra em cena;
- São Paulo Cia de Dança: 02 (duas) bailarinas negras em cena;
- Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro: nenhuma.

Os números não deixam dúvida de que o mercado das Cias Públicas brasileiras de Dança não tem interesse por mulheres negras em seus elencos. Os artistas indesejáveis nos palcos dessas Cias de Dança têm gênero e cor: mulheres negras! Esse mercado específico que trato em minha pesquisa faz eco ao que é verificado nas taxas de desemprego no Brasil referentes ao mercado de trabalho em geral. Em julho de 2020 a taxa de desemprego atingiu o patamar de 13,3%. Contudo, para as mulheres negras essa taxa foi de 16,6% no mesmo período<sup>5</sup>.

O Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil<sup>6</sup> (2013), documento disponível no site do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), apresenta dados que demonstram que as mulheres negras

---

3 Durante a pandemia de COVID-19 realizei entrevistas semi estruturadas com 08 (oito) profissionais da Dança por meio de aplicativo que permite realização de reuniões virtuais.

4 Dados atualizados em abril de 2021.

5 Segundo pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

6 **Dossiê Mulheres Negras**: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro\\_dossie\\_mulheres\\_negras.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_dossie_mulheres_negras.pdf)>. Acesso em: 16 mai. 2021.

permanecem na base da pirâmide social brasileira. Em razão da intersecção entre diferentes formas de subordinação ou de um sistema de opressão interligado, como entendido por Patricia Hill Collins<sup>7</sup> e conceituado como interseccionalidade por Kimberlé Crenshaw<sup>8</sup>, mulheres negras sofrem exclusão em determinados espaços por serem mulheres e pelo fato de serem negras.

No cruzamento de avenidas identitárias como raça, gênero, orientação sexual entre tantas outras, mulheres negras encontram barreiras muitas vezes intransponíveis na busca por melhores condições de vida no que diz respeito à inserção no mercado de trabalho, acesso à bens duráveis, valorização social etc.

Para a filósofa Sueli Carneiro<sup>9</sup> (2019):

E, quando a desigualdade da raça se alia com a de sexo, constrói-se um verdadeiro "matriarcado da miséria", que é o lugar que configura a experiência histórica de ser mulher negra na sociedade brasileira. (p. 111)<sup>10</sup>

Durante a III Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas<sup>11</sup>, pertencente a uma articulação de mulheres negras brasileiras, Carneiro conta que:

Em sua declaração inicial, a Articulação alertava para as múltiplas formas de exclusão social a que as mulheres negras estão submetidas, em consequência da conjugação perversa do racismo e do sexismo, as quais resultam em [...] uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida. Esses se manifestam em sequelas emocionais com danos à saúde mental e rebaixamento da autoestima; numa perspectiva de vida menor, em cinco anos, em relação às mulheres brancas; num menor índice de nupcialidade; e sobretudo no confinamento nas ocupações

---

7 Patricia Hill Collins é socióloga e professora emérita do Departamento de Sociologia da Universidade de Maryland/EUA, Mestra em Ensino de Educação em Ciências Sociais pela Universidade de Harvard e Doutora em Sociologia pela Universidade de Brandeis/EUA.

8 Kimberlé Crenshaw é uma intelectual estadunidense dedicada aos estudos sobre a teoria crítica da raça e professora da Faculdade de Direito da UCLA (Universidade da Califórnia) e da Columbia Law School.

9 Sueli Carneiro é filósofa, escritora e ativista antirracismo de destaque do movimento social negro brasileiro. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), foi fundadora, e atual diretora, do Geledés – Instituto da Mulher Negra.

10 CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Sueli carneiro; Pólen, 2019.

11 A III Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas aconteceu no ano de 2001 em Durban/África do Sul. A Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras Pró-Durban foi composta por mais de uma dezena de organizações de mulheres negras do país e coordenada pelo Criola, organização de mulheres negras do Rio de Janeiro, pelo Geledés/Instituto da Mulher Negra, de São Paulo, e pelo Maria Mulher, do Rio Grande do Sul.

de menor prestígio e remuneração. (CARNEIRO, 2019, p. 170)

Ainda sobre as dificuldades impostas às mulheres negras em diferentes setores de suas vidas, Grada Kilomba<sup>12</sup> (2019) também critica as consequências da intersecção das questões de raça e gênero para a ascensão profissional e pessoal dessas mulheres. Segundo Kilomba, por ser essa dupla antítese à branquitude e à masculinidade, a mulher negra é vista como o "outro do outro". Sob essa perspectiva, em que a "outra" é antagonista do "eu", juízos de valor sempre depreciativos, indesejados e não admirados recaem como sentenças de desvalorização e/ou invisibilidade às mulheres negras.

Dentro dessa infeliz dinâmica, o sujeito negro torna-se não apenas a/o "Outra/o" – o diferente, em relação ao qual o "eu" da pessoa branca é medido –, mas também "Outridade" – a personificação de aspectos repressores do "eu" do sujeito branco. Em outras palavras, nós nos tornamos a representação mental daquilo com que o sujeito branco não quer se parecer. (KILOMBA, 2019, p. 37-38)

Junto ao entendimento trazido acima por Grada Kilomba, com referência a pessoa negra percebida por nossa sociedade fundada na colonialidade, a situação da mulher negra agrava-se ainda mais em razão da incidência da problemática de gênero. "Nós carregamos a marca"<sup>13</sup>, afirmava Luiza Bairros<sup>14</sup>. A marca da subalternidade e da objetificação de nossos corpos nos é impingida onde quer que estejamos e é contra essa marca que ainda hoje nos levantamos quando pretendemos ocupar espaços diversos na sociedade.

## 1.2 RACISMO ESTRUTURAL, RACISMO INSTITUCIONAL E POLÍTICA DE SILENCIAMENTO

---

12 KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódios de Racismo Cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

13 RIBEIRO, Djamilia. **O corpo da mulher negra como pedaço de carne barata**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-corpo-da-mulher-negra-como-pedaco-de-carne-barata/>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

14 Luiza Bairros (Porto Alegre, 27 de março de 1953 – Porto Alegre, 12 de julho de 2016) foi uma intelectual de destaque no Movimento Negro e na luta das mulheres negras no Brasil contra o racismo. Entre 2011 e 2014 foi Ministra-Chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do Brasil.

Quando abordamos a falta de mulheres negras em determinados mercados de trabalho como o das Cias Públicas de Dança no Brasil, situação em análise nesta pesquisa, não podemos nos esquivar de tratar do tema do racismo estrutural em nossa sociedade. Ainda que para muitas pessoas os ambientes artísticos sejam imaginados como oásis de criatividade, respeito às diferenças e à pluralidade, problemas estruturais corroem todos os espaços sociais, inclusive locais em que se produz arte.

Para Silvio Almeida<sup>15</sup>, o racismo é sempre estrutural, visto que, integra a organização econômica e política da sociedade:

Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. (ALMEIDA, 2019, p. 15)<sup>16</sup>

No mesmo sentido, apontando a abrangência do racismo estrutural em ações discriminatórias intencionais e também não intencionais, Adilson Moreira (2020)<sup>17</sup> alerta:

A existência de um corpo de funcionários homogêneo decorre também de processos psicológicos que não são produtos diretos da intenção de discriminar. Isso pode ocorrer porque as pessoas responsáveis pelo processo de contratação ou promoção são culturalmente treinadas para reconhecerem qualidades positivas apenas em pessoas semelhantes a elas. (p. 439)<sup>18</sup>

A naturalização da invisibilidade de bailarinas negras em Cias públicas de Dança ou o fato dessa questão não ser ao menos percebida por algumas artistas da Dança que entrevistei, e por muitas pessoas que trabalham comigo diariamente, mostra que o acesso desigual de negras e não negras nesse mercado de trabalho parece imperceptível para muitos. O racismo incorporado às instituições é naturalizado pela sociedade! Como ocorre em instituições brasileiras de diversos

---

15 Sílvio Luiz de Almeida é um renomado advogado, filósofo, escritor e professor acadêmico, Mestre em Direito Político e Econômico pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, além de doutor e pós-doutor pelo Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito da Faculdade de Direito da USP.

16 ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

17 MOREIRA, Adilson José. **Tratado de Direito Antidiscriminatório**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

18 MOREIRA, Adilson José. **Pensando como um negro**: Ensaio de hermenêutica jurídica. São Paulo: Editora Contracorrente, 2019.

setores, o racismo institucional é legitimado e alimentado pelo desconhecimento de alguns e pelo silêncio de muitos, também, em instituições que atuam nas artes.

Ainda sobre a invisibilidade da opressão racial, Moreira defende que não se trata apenas de:

[...] uma simples ausência de conhecimento da forma como a realidade funciona. Estamos aqui diante de um problema que possui uma natureza epistemológica: estar em um lugar social específico faz com que o mundo seja apreendido a partir de uma posição cognitiva particular. (MOREIRA, 2019, p. 27)

Ressalto que o racismo direto ou intencional, aquele em que agressões verbais e físicas às pessoas de pele preta são realizados de forma inequivocamente racistas como os acompanhados por xingamentos, ainda persiste. Contudo, também não devemos nos esquecer e nem aceitar a perversidade do racismo que pode se apresentar de forma não intencional. Tolerar o racismo não intencional pode aumentar o sofrimento emocional das pessoas que sofrem tal violência.

Aqui é importante ressaltar que racismo estrutural e racismo institucional não são a mesma coisa. No racismo institucional temos uma dimensão específica do racismo estrutural que, como o termo institucional sugere, ocorre de maneira institucionalizada. Cias Públicas de Dança são instituições que materializam um modo de funcionamento que tem o racismo como elemento estrutural, assim como ocorre nas demais instituições brasileiras. Ainda segundo Almeida (2019):

As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista. (p. 31)

Problemas estruturais precisam ser analisados e discutidos para que ações sejam urgentemente implementadas. Infelizmente, no universo das Cias Públicas de Dança no Brasil, racismo ainda é um tema pouco tratado. Propor a discussão sobre a existência de racismo institucional num órgão público artístico predominantemente branco, tanto em sua constituição no corpo diretivo como em seu elenco, tem grande chance de provocar incômodo em muitas pessoas.

Manter um assunto potencialmente desagradável longe daquele ambiente pode ser o intuito de muitos. Me recordo da frase que ouvi de uma colega durante uma reunião com a direção e o elenco da Cia de Dança em que danço: "Aqui dentro nunca teve isso. Você é que está trazendo o racismo pra cá!". Dentre as 08 (oito) pessoas

entrevistadas por mim durante a pesquisa de mestrado, 06 (seis) delas relataram que em nenhum momento de suas carreiras artísticas ocorreu qualquer debate sobre racismo institucional em seus ambientes de trabalho.

Para Kilomba (2019):

O medo branco de ouvir o que poderia ser revelado pelo sujeito negro pode ser articulado com a noção de repressão de Sigmund Freud, uma vez que a essência de repressão, segundo o mesmo, encontra-se simplesmente em afastar-se de algo e mantê-lo à distância do consciente. (p. 43)

O silêncio, contudo, não é uma escolha para aqueles que não pretendem perpetuar ambientes de exclusão de mulheres negras. Nessa pesquisa de Mestrado Profissional, em que escolhi analisar os dados referentes à contratação de artistas negras em 08 (oito) Cias Públicas de Dança no Brasil (Balé Teatro Castro Alves/BA, Balé da Cidade de São Paulo/SP, São Paulo Companhia de Dança/SP, Balé da Cidade de Teresina/PI, Balé do Teatro Guaíra/PR, Cia de Dança do Palácio das Artes/MG, Companhia de Ballet da Cidade de Niterói/RJ e Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro/RJ), somente em 03 (três) dessas Cias o tema do racismo foi abordado em alguma medida por direção e elenco. Avanços, ainda que tímidos, foram alcançados justamente nessas 03 (três) Cias, a saber, Balé Teatro Castro Alves/BA, Companhia de Ballet da Cidade de Niterói/RJ e São Paulo Cia de Dança/SP.

### **1.3 MERCADO DE TRABALHO DAS CIAS PÚBLICAS DE DANÇA E O ACESSO NEGADO ÀS ARTISTAS NEGRAS**



**Figura 2 - Dualidade@br** de Gagik Ismailian para o Balé da Cidade de São Paulo<sup>19</sup>, 2002



Foto: Silvia Machado.

**Art. 1º** A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado democrático de direito e tem como fundamentos:

I - a soberania;

II - a cidadania;

III - a dignidade da pessoa humana;

IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

V - o pluralismo político. (BRASIL, 1988, p. 13 - grifos nossos)<sup>20</sup>

O mercado de Dança no Brasil é bastante concorrido. Por um lado, são poucas as Cias Públicas ou privadas que conseguem garantir condições de trabalho e/ou salário fixo aos seus artistas e, por outro lado, temos muitas pessoas dançantes concorrendo por uma vaga nesse mercado. Muitos artistas da Dança de diferentes regiões brasileiras, que participam de grupos independentes ou desenvolvem

---

<sup>19</sup> Foto de performance realizada no Teatro Municipal de São Paulo no período em que dancei no Balé da Cidade de São Paulo, Cia que se destaca dentre as Cias Públicas de Dança no Brasil sendo um mercado disputado por artistas da dança de diferentes regiões brasileiras.

<sup>20</sup> BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

trabalhos artísticos solo, precisam completar seus rendimentos mensais dando aulas de dança, atuando em produção cultural ou exercendo atividades em áreas profissionais distantes da área cultural.

Sobreviver com os proventos da Dança requer constantes e renovadas estratégias de seus artistas. Nesse contexto, integrar o elenco de Cias Públicas, em regra, além de conferir algum status à carreira desses artistas (em razão da visibilidade dessas instituições) pode lhes garantir uma efetiva melhora na condição de suas vidas.

Ainda que os salários nem sempre possam ser considerados altos, artistas que dançam em Cias Públicas conseguem custear suas despesas mensais sem a necessidade compulsória de completar seus rendimentos numa outra jornada de trabalho. Se pensarmos que nesse mercado das Cias Públicas de Dança no Brasil as bailarinas negras são muito pouco contratadas, podemos afirmar que para um grupo específico da sociedade brasileira (mulheres/bailarinas negras) é negado ou dificultado acesso a um mercado de trabalho em dança que lhe ofertaria condições dignas de sobrevivência.

Também por essa perspectiva, em que se verifica geração de emprego e renda, produção de conhecimento e contribuição incomensurável nas dimensões material e imaterial da cultura de um povo, o combate a problemas estruturais deve ser efetivo e constante. Nessa pesquisa de Mestrado Profissional, além da dimensão artística da abordagem, há reverberação no que diz respeito ao acesso a condições dignas de existência para as profissionais em questão. É exatamente a negativa de acesso das artistas negras a um posto de trabalho nas Cias Públicas de Dança que deixa pista acerca do racismo institucional existente nessas instituições.

Para o jurista Adilson Moreira (2019), o racismo institucional pode assumir e ser identificado por meio de quatro formas:

Ele pode ocorrer quando pessoas negras não têm acesso aos serviços de uma instituição, quando os serviços são oferecidos de forma discriminatória, quando as pessoas não conseguem ter acesso a postos de trabalho na instituição ou quando as chances de ascensão profissional dentro dela são diminuídas por causa da raça. (p. 50 - grifos nossos)<sup>21</sup>

Vejamos então que, a partir de dados já apresentados nesse texto que

---

21 MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

informam acerca do baixíssimo número de artistas negras atuando nas 08 (oito) Cias Públicas de Dança por mim verificadas, podemos afirmar que **mulheres negras não têm acesso ou têm acesso muito restrito a postos de trabalho nas Cias Públicas de Dança no Brasil!** Temos aqui um exemplo de racismo institucional em seu esplendor!

**Figura 3** - *Entre a minha mão e a sua há mais que um abraço* de Luiza Meireles e Jai Bispo para o Balé Teatro Castro Alves<sup>22</sup>, 2020



Fonte: acervo pessoal.

Bailarinas negras podem escolher não participar desse mercado das Cias Públicas por motivos variados, inclusive o de não apreciarem o trabalho desenvolvido por esses grupos artísticos. A escolha por um caminho profissional em outros espaços é legítima, por certo!

---

<sup>22</sup> Essa foto e as próximas duas imagens apresentadas neste texto são do trabalho criado por mim e Jai Bispo para o Balé Teatro Castro Alves em 2020, *Entre a minha mão e a sua há mais que um abraço*. Na cena retratada nas imagens abordamos as pequenas mortes cotidianas e renascimentos que experimentamos como pessoas pretas no mundo. Provocar o debate sobre dificultar ou permitir o acesso de bailarinas negras ao mercado das Cias Públicas de Dança foi para mim, em muitos momentos diante da resistência de tantas pessoas, como experimentar pequenas mortes.

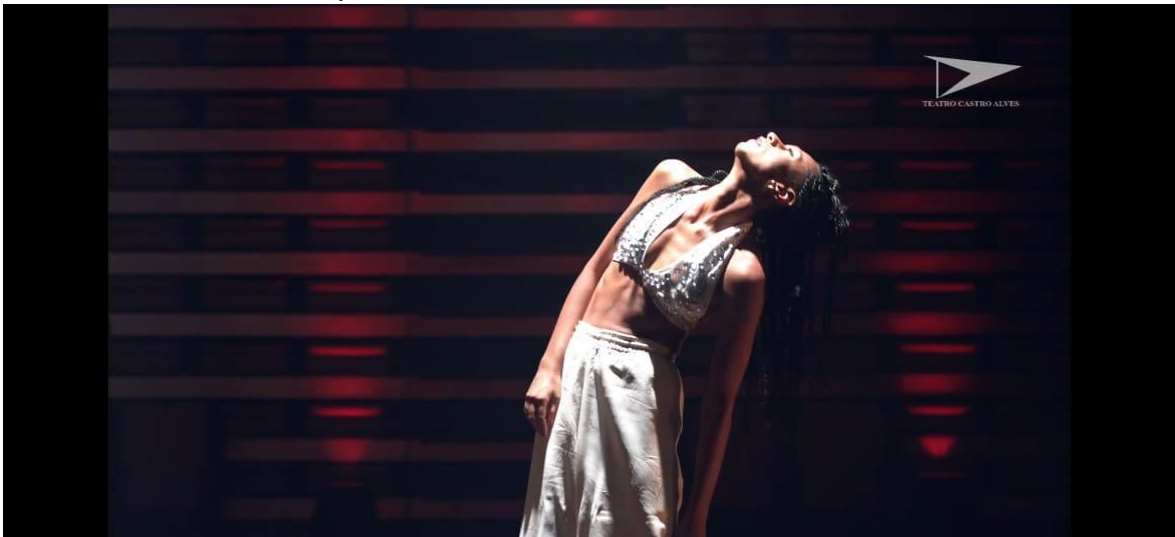
**Figura 4** - *Entre a minha mão e a sua há mais que um abraço* de Luiza Meireles e Jai Bispo para o Balé Teatro Castro Alves, 2020



Fonte: acervo pessoal.

O inaceitável é termos um mercado de trabalho movimentado por verba pública inacessível às bailarinas negras, tendo em vista que essas artistas são muito pouco absorvidas pelas Cias Públicas no Brasil.

**Figura 5** - *Entre a minha mão e a sua há mais que um abraço* de Luiza Meireles e Jai Bispo para o Balé Teatro Castro Alves, 2020



Fonte: acervo pessoal.

Considerando que Companhias Públicas de Dança são subvencionadas pelo poder público, ou seja, recebem verba do estado ou do município para realizar suas atividades e remunerar seus artistas, a pouca presença de bailarinas negras em seus elencos mostra-se ainda mais grave. Nossa Constituição Federal de 1988 assim elenca os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II - garantir o desenvolvimento nacional;

III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (grifos nossos). (BRASIL, 1988, p. 13 - grifos nossos)

Assim, quando compreendidos como agentes de transformação social, o Estado e suas instituições têm papel fundamental na implementação de medidas que, de fato, cumpram os objetivos descritos na Constituição Federal.

Cias Públicas de Dança não podem permanecer inertes e silentes diante do racismo institucional consubstanciado no desinteresse evidente por artistas negras em seus elencos. O silêncio e a inércia alimentam um sistema que, intencionalmente ou não, mantém mulheres negras longe de postos de trabalho.

#### **1.4 FRICCIONANDO O SISTEMA: AÇÕES ANTIRRACISTAS JÁ EXPERIMENTADAS**

Fabiana Nunes, diretora dramaturgica e ensaiadora da Companhia de Ballet da Cidade de Niterói, em entrevista via aplicativo de conferências virtuais, contou sobre a iniciativa de membros da direção da Cia de Dança em, durante a pandemia, promover conversas com o seu elenco mediadas por especialistas em assuntos como racismo, gordofobia, entre outros. Diante da resistência de suas bailarinas e bailarinos em abordar tais questões, partiu da direção a disposição em propiciar ao elenco acesso à informação e discussões abalizadas.

Além de qualificar e aprofundar com seu elenco discussões urgentes em nossa sociedade, a intenção era preparar um ambiente institucional mais informado e acolhedor às futuras contratações. Para Nunes, ações antirracistas não precedidas por algum nível de conversa com os elencos (naquele caso, composto somente por pessoas brancas) poderiam não ser bem sucedidas justamente pela resistência de tais atores sociais. De acordo com minha entrevistada, a Companhia de Ballet da Cidade de Niterói disponibilizará vaga (prevista em edital a ser elaborado) destinada a bailarinas negras em sua próxima audição.

Na São Paulo Cia de Dança a contratação de 02 (duas) bailarinas negras para o seu elenco fixo foi uma ação efetivada também a partir do posicionamento crítico de

um bailarino negro da Cia. Otávio Portela foi meu 8º entrevistado e à época atuava como bailarino na Cia paulista. Hoje ele dança no Ballet X Schwerin do Mecklenburgisches Staatstheater/Alemanha. Portela não perdia a oportunidade de apontar o problema da inexistência de mulheres negras no elenco. A direção que, até então, não havia problematizado a questão passou a considerar a contratação de artistas negras para o seu elenco. Novamente a questão da invisibilidade social do privilégio branco se apresentava como um problema não superado. De acordo com Moreira (2019):

Os que se beneficiam dos sistemas de exclusão acreditam que suas oportunidades decorrem exclusivamente de seus méritos pessoais, o que não poderia ser mais distante em uma sociedade baseada na desigualdade social. (p. 239)<sup>23</sup>

Muitos são os estigmas negativos ligados a minorias raciais. Em contrapartida, às pessoas de pele branca são reiteradamente creditadas referências estéticas e morais. Completa Moreira (2019):

Mas todo esse processo permanece invisível porque vivemos em uma sociedade dominada pelas referências que são postas como universais. (2019, p. 239)

A crença de que não há bailarinas negras profissionais habilitadas para as Cias Públicas de Dança no Brasil foi construída à base de desinformação e racismo! Pouquíssimas bailarinas negras serão absorvidas por esse mercado enquanto gestores e fazedores de cultura não reverem suas verdades absolutas por meio de uma autocrítica que repense, inclusive, seus conceitos de belo profundamente arraigados ao colonialismo. A supremacia da estética e de valores europeus ainda nos dias de hoje revela como o Brasil não gosta de se ver no espelho!

No Balé Teatro Castro Alves, Cia Pública em que atuo a 29 (vinte e nove) anos, fui eu a responsável por introduzir o assunto e fomentar a discussão acerca do racismo institucional. Particularmente, a despeito de todo capital político que perdi por conta de meu posicionamento crítico à falta de bailarinas negras na Cia de dança que integro, me sinto realmente vitoriosa! Não tenho pudor em afirmar que a contratação de 03 (três) bailarinas negras na última audição não teria ocorrido se a problemática

---

23 MOREIRA, Adilson José. **Pensando como um negro**: Ensaio de hermenêutica jurídica. São Paulo: Editora Contracorrente, 2019.

acerca da falta de mulher preta no elenco não tivesse sido desvelada a partir de minha iniciativa.

Apesar do talento e da competência de Dayana Brito, Joely Pereira e Fernanda Santana, as bancas examinadoras das audições anteriores (compostas somente por pessoas brancas) não aprovavam bailarinas negras igualmente competentes e talentosas. Todo o desconforto que eu causava ao criticar a ausência de bailarinas negras em nosso elenco contribuiu, finalmente, para o acesso dessas profissionais à Cia baiana.

Foi um longo período de conversas com a direção e de embate com o elenco da Cia que repetia como um mantra que não havia bailarinas negras capacitadas para a função. "Então tem que contratar qualquer uma?" foi a pergunta que mais ouvi durante muito tempo. O empenho em negar o racismo institucional evidente era proporcional à cegueira deliberada em relação às artistas negras da cena sotropolitana e brasileira, já que as audições são abertas para todo o Brasil.

A crença de que a meritocracia explica a ausência de bailarinas negras nas Cias dificultava a abordagem desse assunto com colegas do elenco e direção. Para Almeida (2019):

No Brasil, a negação do racismo e a ideologia da democracia racial sustentam-se pelo discurso da meritocracia. Se não há racismo, a culpa pela própria condição é das pessoas negras que, eventualmente, não fizeram tudo que estava a seu alcance. Em um país desigual como o Brasil, a meritocracia avaliza a desigualdade, a miséria e a violência, pois dificulta a tomada de posições políticas efetivas contra a discriminação racial, especialmente por parte do poder estatal. No contexto brasileiro, o discurso da meritocracia é altamente racista, uma vez que promove a conformação ideológica dos indivíduos à desigualdade racial. (ALMEIDA, 2019, p. 51-52)

Não me esqueço que durante uma aula da Cia, uma colega de elenco me abordou indignada: "Você soube do resultado da audição? Isso é racismo reverso!". Ela referia-se à audição realizada alguns dias antes em que as 03 (três) bailarinas negras acima mencionadas haviam sido aprovadas. Ter nossa identidade e subjetividades desrespeitadas por manifestações rotineiras de violência é uma experiência constante em ambientes embranquecidos. Importante destacar que, nesse momento, temos no elenco as bailarinas negras admitidas nesta emblemática audição que comprovam diariamente a toda a Cia que capacidade técnica, artística e profissional não lhes faltam.

Ainda que, nesse caso, o número de artistas negras contratadas seja reduzido,

alguma mudança foi obtida. Afinal, ao longo dos 40 (quarenta) anos de existência do Balé Teatro Castro Alves, Cia de Dança sediada na cidade mais negra fora do continente africano, foi a primeira vez que mais de duas artistas negras foram aprovadas para atuar juntas na companhia. Manter esforços para aumentar o número de artistas negras nesses espaços sociais, bem como, atentar para o perigo de uma mera representatividade imagética são ações permanentes.

A branquitude, implícita ou deliberadamente, tem a convicção psicológica de sua superioridade racial e a utiliza como justificativa ao seu acesso privilegiado ou exclusivo em determinados espaços sociais. O jurista Adilson Moreira (2019) discorre sobre esse assunto com muita lucidez:

A convicção psicológica de superioridade racial inata de pessoas brancas é o elemento central do racismo, motivo pelo qual pessoas brancas racistas acreditam que elas devam ter acesso privilegiado ou exclusivo às oportunidades sociais. [...] Atitudes racistas decorrem então da dissonância entre a convicção de que todas as pessoas negras são inferiores a todas as pessoas brancas e da percepção de que pessoas negras são igualmente ou mais capazes do que pessoas brancas, de que pessoas negras estão tentando ingressar em espaços sociais aos quais apenas pessoas brancas deveriam ter acesso. (p. 218-219)

Realmente, a partir do momento em que o indivíduo de pele negra torna-se negro, sob a perspectiva apontada por Neusa Santos Sousa<sup>24</sup>, a experiência de trabalhar em ambientes majoritariamente brancos poderá lhe render desafios inimagináveis. Em sua pesquisa de Mestrado, posteriormente publicada em livro, Sousa abordou o custo emocional imposto às pessoas pretas em ascensão social numa sociedade de hegemonia branca. Apesar dos negros no Brasil não ocuparem numericamente o posto de minoria, a hegemonia sob o ponto de vista econômico, político e social é branca.

Como reflexo do caráter estrutural do racismo no Brasil, para trabalhar em ambientes com maioria de pessoas brancas ocorrerá na maioria dos casos uma ascensão social das pessoas pretas, já que os empregos com melhores remuneração e respeitabilidade continuam acessíveis especialmente à branquitude. Sousa (1983) aponta que:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a

---

24 Neusa Santos Sousa foi psiquiatra, psicanalista e escritora pioneira nos estudos raciais no Brasil.



experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.<sup>25</sup> (SOUSA, 1983, p. 17-18)

O desejo e a decisão de dedicar esforços a ocupar certos espaços sociais precisará ser renovado constantemente assim como as estratégias para permanecer avançando, visto que, nossas vitórias têm caráter temporário em ambientes racistas. Sociedades racistas criam novos mecanismos de exclusão assim que percebem algum movimento no *status quo*.

A boa notícia é que pesquisadores negras, negros e negres estão produzindo pesquisas cuidadosas e relevantes para o avanço de artistas negras em espaços antes não ocupados por nós em Cias Públicas brasileiras. Pesquisas diversas desenvolvidas por artistas com visão de mundo e contextos diferentes miram o incremento de um mercado de dança não excludente.<sup>26</sup> Vale ressaltar que pesquisas realizadas por pessoas negras inseridas no universo acadêmico, mesmo em temáticas não diretamente vinculadas às Cias Públicas de Dança, também são importantes no esforço de pautar nossas demandas.<sup>27</sup>

## 1.5 VITÓRIAS TEMPORÁRIAS E CONTRA-ATAQUES CONSTANTES

A rapidez com que ações antirracistas são interpeladas e repelidas pelo sistema, que insiste em privilegiar a branquitude e negar seu racismo, é um obstáculo quase insuperável. Após a pequena revolução que significou a contratação de 03 (três) bailarinas negras em 2020 pelo Balé Teatro Castro Alves, o silêncio sobre o tema e a inação em direção a novas ações antirracistas são novamente reinantes!

Moreira discorre sobre como ao longo da história do Brasil, o racismo foi reinventado com novas tecnologias:

As transformações do status legal dos negros brasileiros demonstram isso de forma clara: cada nova conquista de direitos foi acompanhada

---

25 SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

26 ANUNCIAÇÃO, Gleidson Oliveira da. **Do corpo negro no balé clássico ou das histórias que não nos contam**. 2021. 118 f. il. Dissertação (Mestrado em Dança) - Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33956>>. Acesso em: 8 mar. 2022.

27 SILVA, Inah Irenam Oliveira da. **Sambografia cabloca: um pensamento em dança a partir do samba de caboclo**. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/35175>. Acesso em: 5 ago. 2022.

pela rearticulação de uma nova ideologia que tinha o propósito de manter privilégios raciais. (MOREIRA, 2019, p. 211)

Numa sociedade como a brasileira forjada no racismo, esse movimento de autopreservação de privilégios e de concentração de poder é observado em várias áreas e não poderia ser diferente no universo das artes. Ainda que as ações antirracistas implementadas estejam longe de promover mudanças estruturais de longo prazo, qualquer incômodo provocado no sistema é suficiente para fomentar novas tecnologias de segregação. O silenciamento tende a renascer engendrado em movimentos que, aparentemente, podem até mesmo parecer progressistas: "O racismo assume diversas dimensões num ambiente de trabalho, o que demanda análise constante das práticas corporativas" (RIBEIRO, 2019, p. 59).

Contra-ataques são desenvolvidos pelo povo preto antes mesmo da experiência dos quilombos durante o período colonial. Como defende Eduardo Oliveira (2005)<sup>28</sup>: "O movimento é o segredo da existência" (p. 281). Desde sempre, experimentamos nossa experiência como corpo negro no mundo num constante movimento em que não nos é permitido paralisar, sob pena de retrocessos ainda mais violentos.

Na busca por um mercado de Cias Públicas de Dança mais plurais, meu desejo surge embasado por cosmopercepções de mundo que sejam realmente inclusivos, e não cosmovisões excludentes, como nos ensina Oyèronké Oyewùmi (2002)<sup>29</sup>:

O termo "cosmovisão", que é usado no Ocidente para resumir a lógica cultural de uma sociedade, capta o privilégio ocidental do visual. É eurocêntrico usado para descrever culturas que podem privilegiar outros sentidos. O termo "cosmovisão" é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais. Neste estudo, portanto, "cosmovisão" só será aplicada para descrever o sentido cultural ocidental e "cosmopercepção" será usada ao descrever os povos iorubás ou outras culturas que podem privilegiar sentidos que não sejam o visual ou, até mesmo, uma combinação de sentidos.<sup>30</sup> (OYEWÙMI, 2002, p. 03)

---

28 OLIVEIRA, Eduardo. **Filosofia da Ancestralidade**: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira. 2005. 353 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

29 Oyèronké Oyewùmi é uma socióloga nigeriana, professora da Universidade de Stony Brook/NY e doutora em Sociologia pela Universidade da Califórnia.

30 OYÈRONKÉ, Oyèwúmi. **Visualizando o corpo**: Teorias ocidentais e sujeitos africanos. Disponível em: [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%E1%BA%B9%CC%81\\_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD\\_-\\_visualizando\\_o\\_corpo.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%E1%BA%B9%CC%81_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_visualizando_o_corpo.pdf). Acesso em: 27 out. 2021.

**Figura 6** - *Concerto para o guarda-roupa* para o Balé Teatro Castro Alves e Orquestra<sup>31</sup>Sinfônica da Bahia, 2020



Foto: Maurício Serra.

É de braços, e todos os sentidos, abertos que escolhi experimentar o mundo a partir da Dança e, sobretudo, com a Dança. Desse lugar de bailarina negra dançando em uma Cia Pública de Dança vislumbro um caminho árido em direção à inserção de mais artistas negras nesse mercado de trabalho, contudo, sigo acreditando que a inércia não é uma escolha. No movimento dos corpos, das ideias e das ações deposito minha energia na fricção dos espaços que não conterão nossos avanços.

## **1.6 ATITUDE CONTRA COLONIAL E ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA**

---

31 Em *Concerto para o guarda-roupa*, performance criada para o vídeo homônimo realizado pelo Teatro Castro Alves no momento em que o equipamento cultural mantinha-se fechado para espetáculos e público em razão do agravamento dos casos de COVID-19, ocupei o palco do equipamento cultural mais importante do estado da Bahia e celebrei o fato de estar acompanhada de um bailarino e um músico negros, Jai Bispo e Mário Soares respectivamente.

**Figura 7 - *Lub Dub* de Jae Duk Kim para o Balé Teatro Castro Alves<sup>32</sup>, 2017**



Foto: Fábio Bouzas.

Com grande honra me filio ao pensamento **contra colonial** de Nego Bispo<sup>33</sup> (2015) e à convicção de que devemos escrever/dançar para **incomodar a "Casa Grande"** e a todas as pessoas que insistem em preservar os valores coloniais, como dito por Conceição Evaristo<sup>34</sup>.

Honrando as minhas e os meus ancestrais, escrevo contra, danço contra e me posiciono contra tudo e todas as pessoas que insistem em nos negar humanidade. A exemplo de Stuart Hall<sup>35</sup>:

Stuart Hall, por exemplo, diz que quando ele escreve, escreve contra. Escrever contra significa falar contra o silêncio e a marginalidade criados pelo racismo. Essa é uma metáfora que ilustra a luta das pessoas colonizadas para acessar a representação dentro de regimes

32 Cena de protesto em *LubDub*, balé criado em 2017 pelo coreógrafo sul coreano Jae Duk Kim. Assumir comportamentos e atitudes contra coloniais nos empurra a constantes protestos.

33 SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos**: modos e significações. Brasília: INCTI/UNB, 2015.

34 Conceição Evaristo é uma escritora mineira, doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com inúmeros poemas e contos publicados.

35 Stuart Hall foi um teórico cultural e sociólogo que nasceu na Jamaica e atuou no Reino Unido. Faleceu em 2014 em Londres quando já havia completado 82 anos de vida.

brancos dominantes. Escreve-se contra no sentido de se opor. Bell hooks, entretanto, argumenta que se opor ou ser "contra" não é suficiente. Como escrevi na Introdução, é preciso criar novos papéis fora dessa ordem colonial. Isso é o que Malcolm X chamou de "descolonização de nossas mentes e imaginações": aprender a pensar e ver tudo com "novos olhos", a fim de entrar na luta como sujeitos e não como objetos. (KILOMBA, 2019, p. 69 - grifos nossos)

**Figura 8 - Citação de Conceição Evaristo**



Fonte: [www.facebook.com/zelindabarros](http://www.facebook.com/zelindabarros).

Nesse momento, devo destacar que o fato de ser uma bailarina negra dançando/falando de dentro do sistema traz uma perspectiva nem sempre abordada. Afinal de contas, são poucas as artistas negras da dança que construíram seus espaços dentro das Cias Públicas de Dança no Brasil e, principalmente, se posicionaram criticamente contra esse sistema que invisibiliza e não contrata bailarinas negras. Ser uma "forasteira de dentro", termo usado pela intelectual estadunidense Patricia Hill Collins<sup>36</sup>, me oferece a oportunidade de observar e sentir o racismo institucional em suas dimensões mais surpreendentes e incompreensíveis.

Ao utilizar o termo "forasteira de dentro", Patricia Hill Collins<sup>37</sup> se refere criticamente ao papel destinado às mulheres negras e às posições marginais destinadas a elas em ambientes acadêmicos e na sociedade em geral. Para Collins:

---

36 Patricia Hill Collins é professora emérita do Departamento de Sociologia da Universidade de Maryland/EUA, Mestre em Ensino de Educação em Ciências Sociais pela Universidade de Harvard e Doutora em Sociologia pela Universidade de Brandeis/EUA.

37 COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**. Tradução: Juliana de Castro Galvão, v. 31, n. 1, 2016.

"[...] apesar dos obstáculos que podem confrontar as *outsiders within*, essas pessoas podem beneficiar-se desse *status*" (COLLINS, 2016, p. 100). Segundo a intelectual norte-americana, a postura crítica dessas pessoas lidas socialmente como forasteiras de dentro é fundada na possibilidade que elas têm de observar situações tanto de dentro pra fora do sistema, como de fora pra dentro, o que lhes confere uma percepção única e valiosa.

Neste lugar de "forasteira de dentro" numa Cia de Dança de maioria de bailarinas mulheres que se autodeclaram brancas, apesar de muitos momentos de desconforto, consigo vislumbrar caminhos possíveis para a mitigação desse enorme problema da ausência de espaço para as artistas negras. Dentre esses caminhos, destaco a necessidade de discutir o problema de forma direta com direção e elenco das Cias Públicas. O silêncio frequente sobre o tema não provoca reflexões necessárias para que mudanças de fato aconteçam. Instituições são dirigidas e ocupadas por pessoas. São essas pessoas que devem implementar soluções em direção à efetivação de um espaço social plural e diverso.

A contratação de pessoas negras para cargos diretivos que lhes conceda poder de decisão também é um caminho a se seguir com urgência, para que a valorização de diferentes perspectivas estéticas seja uma realidade. A presença de pessoas negras nas bancas avaliadoras das audições para contratação das bailarinas também se faz necessária. Destaco, ainda, a importância da presença de pessoas pretas nos cargos de professoras/es de dança, preparadoras/es corporais, assistentes de coreografia e afins, para que os valores culturais, a estética e o modo de trabalhar da branquitude não sejam os únicos observados.

A sabedoria ancestral de dividir experiências junto à nossa comunidade de forma a possibilitar o fortalecimento de todas as pessoas é uma herança de importância fundamental para a nossa sobrevivência. Com minha experiência em ambientes embranquecidos como as Cias Públicas de Dança no Brasil, avalio que a solidão a mim imposta como mulher negra naqueles espaços tem impacto direto em minha saúde mental. Junto à solidão, também experimentamos a exigência de um comportamento profissional e pessoal exemplar. Qualquer erro cometido por nós pessoas pretas é avaliado com uma rigidez não utilizada para a branquitude.

Na construção permanente por estratégias de sobrevivência encontrei nos livros de autoras e autores negros um acalanto. Com essa descoberta, decidi relatar

minha trajetória artística em um "Manual de Sobrevivência Para Bailarinas Negras"<sup>38</sup> em Cias Públicas de Dança no Brasil". O desejo é que outras artistas negras encontrem em meu caminho pistas importantes para que elas desenvolvam suas próprias estratégias.

Por certo não se desconstrói um problema estrutural da gravidade do racismo no Brasil somente com ações pontuais de artistas desobedientes, bem como não avançaremos nenhum passo em caso de omissão ou inércia. Contudo, diante da quase completa inação por parte dos/as dirigentes das instituições públicas em questão, ações isoladas podem abrir oportunidades de mudanças até então inimagináveis. Novas gerações de pessoas insurgentes, que não aceitem compactuar passivamente com sistemas de opressão como o racismo, seguirão propondo e realizando ações que friccionam o sistema.

Faz-se necessário que Instituições públicas, por meio de seus representantes, se comprometam com a mudança de práticas e crenças corporativas excludentes e racistas. Não é possível justificar a inércia das pessoas que dirigem tais instituições com simples apontamentos sobre as dificuldades encontradas para a efetivação de transformações nas culturas institucionais. A falta de interesse e disposição para implementar mudanças legitimam o racismo institucional. Sigamos com coragem na construção por vitórias com impactos na coletividade, sigamos honrando caminhos percorridos com a bravura e realeza de Mercedes Baptista<sup>39</sup>, sigamos aplaudindo cada vez mais bailarinas negras nas Companhias Públicas de Dança no Brasil!

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. Tradução: Cristina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

---

38 No decorrer do artigo, utilizo indistintamente os termos negra/o e preta/o. Compreendo a importância da palavra negra/o que foi alvo de intenso trabalho dos movimentos negros para o esvaziamento do seu sentido pejorativo e para a sua conseqüente valorização. Importante lembrar que para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o termo negro abarca as pessoas que se autoidentificam como pretas e pardas, o que enseja políticas públicas direcionadas a essas pessoas. Da mesma forma, o termo preta/o é amplamente utilizado pelas novas gerações que se relacionam com sua cor de pele de forma orgulhosa e empoderada. Particularmente, penso que a conotação empregada a cada termo pode lhe imputar valor negativo ou positivo. O jeito em que a palavra é usada e o contexto em que ela está inserida será o que realmente definirá se o seu uso está sendo racista ou não. Por isso, emprego nesse texto os termos negra/o e preta/o indiscriminadamente e de forma sempre a valorizar nossa história e nossa ancestralidade.

39 Mercedes Baptista foi a primeira bailarina negra a passar no concurso para o corpo de baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. **O perigo de uma história única**. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALVES, M. C.; JESUS, J. P. de; SCHOLZ, D. **Paradigma da afrocentricidade e uma nova concepção de humanidade em saúde coletiva**: reflexões sobre a relação entre saúde mental e racismo. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-11042015000300869](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042015000300869)>. Acesso em: 3 mar. 2021.

ALMEIDA, S. L. De. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BARROS, M. de. **Livro Sobre Nada** 3. ed. São Paulo: Editora Record, 1996.

BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BORGES, J. **Feminismo Negro**: O grito que irrompe o silêncio. Portal Feminismos Plurais, 2020.

BORGES, R. Para ir muito além da crítica ao “Identitarismo”. **Portal Outras Palavras**. Disponível em: <[https://outraspalavras.net/descolonizacoes/para-ir-muito-alem-da-critica-ao-identitarismo/?ct=t%28DA REDACAO 19 07 2020 bell+hooks%2Cpor+favor%29&mc\\_cid=1251224201&mc\\_eid=%5BUNIQID%5D](https://outraspalavras.net/descolonizacoes/para-ir-muito-alem-da-critica-ao-identitarismo/?ct=t%28DA%20REDACAO%2019%2007%202020%20bell+hooks%2Cpor+favor%29&mc_cid=1251224201&mc_eid=%5BUNIQID%5D)>. Acesso em: 13 mar. 2021.

CARNEIRO, S. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Sueli carneiro; Pólen, 2019.

CARVALHO, J. J. Encontro de Saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. *In*: BERNADINO-COSTA J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Coleção Cultura negra e Identidades. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

COLLINS, P. H. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**. Tradução: Juliana de Castro Galvão, v. 31, n. 1, 2016.

COMPANHIAS Oficiais de Danças Brasileiras. *In*: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo636119/companhias-oficiais-de-dancas-brasileiras>>. Acesso em: 14 set. 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, 2002.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: ALEXANDRE, M. A. (Org.). **Representações performáticas**



**brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Maza Edições, 2007. p. 21.

FANON, F. **Peles Negras, Máscaras Brancas**. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, b. **Olhares Negros: raça e representação**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação**: Episódios de Racismo Cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEPECKI, A. **Coreopolítica e Coreopolícia**. EUA: Tisch School of the Arts. New York University, 2012.

MARCONDES, M. M. **Dossiê Mulheres Negras**: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. *In*: MARCONDES, M. M.; PINHEIRO, L.; QUEIROZ, C.; QUERINO, A. C.; VALVERDE, D. (Orgs.). Brasília, 2013.

MOREIRA, A. J. **Pensando como um negro**: Ensaio de hermenêutica jurídica. São Paulo: Editora Contracorrente, 2019.

\_\_\_\_\_. Privilégio e Opressão. **Revista Observatório Itaú Cultural**. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

\_\_\_\_\_. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen Livros, 2019.

\_\_\_\_\_. **Tratado de Direito Antidiscriminatório**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

MORRISON, T. **O olho mais azul**. Tradução: Manoel Paulo Ferreira; com posfácio da autora. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NOGUERA, R. Amenemope, o coração e a filosofia, ou, a cardiografia (do pensamento). *In*: BRANCAGLION, A. S. **Estudo de Egiptologia II**. Rio de Janeiro, 2015.

OLIVEIRA, E. **Filosofia da Ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira**. 2005. 353 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

OYÈRONKÉ, O. **Visualizando o corpo**: Teorias ocidentais e sujeitos africanos. Disponível em: <[https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%C3%A9%20E1%BA%B9%CC%81\\_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD\\_-\\_visualizando\\_o\\_corpo.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%C3%A9%20E1%BA%B9%CC%81_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_visualizando_o_corpo.pdf)>. Acesso em: 27 out. 2021.

RAMOSE, M. B. **Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana**. Ensaio Filosófico, Vol. IV – outubro 2011.

RIBEIRO, D. O que nos torna mulheres? Os perigos de novas normatizações e a importância do caminho descontínuo. **Revista Observatório Itaú Cultural**. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

\_\_\_\_\_. **O Que é Lugar de Fala?** São Paulo: Letramento, 2017.

\_\_\_\_\_. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

\_\_\_\_\_. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, A. B. dos. **Colonização, Quilombos**: modos e significações. Antônio Bispo dos Santos. Brasília: INCTI/UNB, 2015.

SANTOS, M. "Como é ser negro no Brasil" (Entrevista). **Portal GELEDÊS**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/como-e-ser-negro-no-brasil-por-milton-santos>>. Acesso em; 03 dez. 2020.

SILVA, C. da. **Cada tridente em seu lugar**. 3. ed. São Paulo: Mazza Edições, 2006.

SOME, S. **O espírito da intimidade**. São Paulo: Odysseus, 2003.

SOUSA, N. S. **Tornar-se negro**: As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

X, M. **Autobiografia de Malcom X** / Com a colaboração de Alex Haley. Tradução: A. B; Pinheiro de Lemos. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

### **1.3 ARTIGO - A FALTA DE REPRESENTATIVIDADE/VISIBILIDADE DO CORPO NEGRO NA CENA DA DANÇA NO BRASIL**

Maria Luiza da Silva Meireles (UFBA)\*

Leonardo Augusto Luz Alcântara Silva (UFBA)\*\*

**COMITÊ TEMÁTICO:** Dança e Diáspora Negra: Poéticas políticas, modos de saber e epistemes outras.

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma proposta de pesquisa que aborda a invisibilidade de artistxs negrxs na cena da dança no Brasil. Tem como objetivos fomentar a discussão sobre o tema e contribuir para a valorização destes sujeitos por meio de processos criativos que fortaleçam discursos de empoderamento étnico social com implicações sobre gênero, classe e raça na cena da dança brasileira. A pesquisa se justifica pela importância de um pensamento crítico, reflexivo e político acerca da representação étnico racial no contexto contemporâneo (MOREIRA, 2007) contribuindo para o fortalecimento desses artistas e da dança brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representatividade. Corpo negro. Empoderamento. Lugar de fala.

#### **Qual a relevância da discussão sobre raça no ambiente da dança?**

Este artigo apresenta uma proposta de pesquisa que trata da falta de representatividade dxs artistas negrxs na cena de dança brasileira e da urgência da efetivação de processos criativos que fortaleçam discursos de empoderamento étnico social abordando implicações sobre gênero, classe e raça no ambiente da dança no Brasil. Corpos negros ainda ocupam lugares, quando ocupam algum espaço nas cenas de cias públicas e/ou privadas com atenção da mídia e dos patrocinadores da cultura no Brasil, que replicam a subalternidade e invisibilidade a que são, em regra, empurrados pela estrutura social brasileira. "O grupo racial majoritário tem o poder simbólico de universalizar seus traços culturais e interesses setoriais [...]" (MOREIRA, 2007, p. 36). No contexto da Dança profissional brasileira esse poder é escancarado pela pouca presença de bailarinos (as) negros (as) em seus palcos e espaços performativos.

Como artistas negros com longa trajetória na dança, apresentamos tal temática em nossa pesquisa introdutória no mestrado profissional em dança (PRODAN/UFBA), e a partir desse nosso lugar de fala, motivados pela incômoda realidade em que

vivemos (RIBEIRO, 2017). Somos, então, uma Bailarina negra com 25 anos de atuação em cias estatais de dança (Balé Teatro Castro Alves e Balé da Cidade de São Paulo), e uma das poucas artistas negras em cena por cias de dança com visibilidade no Brasil, e Bailarino negro com destacada atuação também como criador, produtor e diretor de dança, exceções nesse espaço de exclusão e sub-representação do corpo negro no contexto da dança profissional no Brasil, não por isso isentos das implicações que a vivência como sujeitos negro e negra impõe. São essas experiências que interseccionam raça, classe e gênero, e que apontam para o racismo estrutural existente na sociedade (ALMEIDA, 2018).

Essa pesquisa tem como objetivos tratar da invisibilidade de artistas negras e negros nas cias de danças contemporâneas no Brasil, fomentar a discussão sobre o tema, contribuir para a valorização dos artistas interlocutores por meio de processos criativos que fortaleçam discursos de empoderamento étnico social com implicações sobre gênero, classe e raça na cena da dança brasileira, além de provocar a absorção pelo mercado local, regional e nacional desse grupo específico de artistas.

Em um país com maioria da população autodeclarada preta, a ausência principalmente de mulheres negras nas Cias de Danças no Brasil sugere implicações decorrentes da interseção entre raça e gênero nesse mercado. O Balé Teatro Castro Alves é o exemplo alarmante da ausência de dançarinas negras nas Cias e grupos de dança mais festejados do Brasil. Em 2019 o Balé do TCA conta com apenas duas bailarinas negras em cena nos seus espetáculos. Sediada em Salvador, cidade mais negra fora da África, a pouca representação de bailarinas negras na cia oficial de dança do estado da Bahia revela o racismo estrutural ainda negado por muitos no Brasil.

Dançarinos negros parecem encontrar menos resistência no mercado de cias públicas e privadas de dança, já que são vistos em maior quantidade nesses elencos, mas ainda são utilizados em contextos que replicam e fortalecem o racismo presente na sociedade brasileira. “Estereótipos inconscientes que motivam as escolhas de pessoas acreditando estar agindo sem preconceitos [...]” (MOREIRA, 2007, p. 32). Ainda assistimos com uma frequência constrangedora bailarinos negros serem reduzidos a corpos hipersexualizados e objetificados em muitas obras artísticas em Dança.

Nesse contexto, lançamos luz sobre variados questionamentos: corpos negros só estão autorizados a dançar danças afro brasileiras para serem absorvidos pelo

mercado de Dança? A falta de representatividade de corpos negros na cena de dança no Brasil fortalece o entendimento equivocado de que não temos lugar nessa linguagem artística em seu universo profissional? O silêncio imposto sobre a questão da ausência de dançarinas pretas nas cias de Dança do Brasil naturaliza e legitima o racismo estrutural existente nessas cias? Qual é a relevância de se discutir raça no contexto atual da Dança no Brasil? Há espaço para as questões do artista/criador negro no atual cenário/contexto da Dança no Brasil?

Afirmamos a partir dessas questões, a importância do fortalecimento de um pensamento crítico, reflexivo e político referente a representação étnico-racial na dança em um país que apresenta, entre seus objetivos fundamentais, construir uma sociedade livre, justa e solidária. A existência de um pensamento negacionista por uma parcela considerável da sociedade no que diz respeito ao alcance do racismo fundante dessa nação, torna a pesquisa ainda mais relevante.

Nossos argumentos poderão receber críticas de que mais uma vez estamos voltando à política identitária, que somos metafisicamente não sofisticados e politicamente retrógrados, uma crítica que também tem sido brandida da metrópole para as periferias da academia global. A crítica da política identitária tem mantido muitos “escravos” da acusação de um essencialismo político grosseiro e de falta sofisticação teórica. Acredito que a inclinação anti-identidade tão prevalente na teoria social hoje é outro obstáculo para o projeto de decolonização do conhecimento, uma vez que isso debilita nossa habilidade de articular o que está errado com a hegemonia teórica do Norte Global. Além disso, muitas pessoas envolvidas em movimentos sociais por justiça têm aceitado a ideia de que política identitária é algo diverso da luta de classes. Movimentos políticos baseados na identidade são por definição inclusivos em termos de classe, porém, mais do que isso, são vistos como sectários de uma agenda baseada em classes, como identidades propensas ao fetichismo, que apresentam identidades de um modo essencialista e a-histórico, obscurecendo o fato de as identidades serem produtos históricos e capazes de mudanças dinâmicas<sup>40</sup>.

A continuidade dos estudos sistemáticos desse tema se propõe a contribuir para a criação de estratégias de valorização e absorção dxs artistas negrxs pelo mercado de trabalho em Dança no Brasil e, dessa forma, contribuir também para o fortalecimento da própria democracia brasileira.

---

40 Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora nigeriana, mestra em Estudos Africanos pela Universidade de Yale, com livros traduzidos em mais de trinta idiomas.

Observando estatisticamente a constituição da população brasileira (IBGE), para comparação, cuja sociedade ostenta pujante produção cultural, com diversos eventos de difusão da dança como atividade artística profissional. Notamos que ainda são raros os artistas negrxs contemplados com a presença dos seus trabalhos nessas mostras. A exemplo, a última Bienal SESC de Dança (2017), realizada na cidade de Campinas/SP, um dos mais importantes eventos de dança no país, em 11 dias de intensa programação, apresentou apenas 4 trabalhos propostos por criadores negrxs. Entre outros exemplos semelhantes, este fato aponta ou sugere implicações entre raça e classe que segregam o espaço de circulação e visibilidade desses corpos discursos.

O conceito de racismo institucional designa práticas institucionais que não levam necessariamente a raça em consideração, mas que mesmo assim afetam certos grupos raciais de forma negativa. (MOREIRA, 2019, p. 49)

Voltando ao título deste trabalho poderíamos aqui apresentá-lo da seguinte forma: Há visibilidade do artista criador negro no contexto da Dança?

Como sujeitos implicados nas delimitações da questão, nos propomos então a investigar os espaços onde, como exemplificamos, o problema se aplica. Focalizando os eventos de difusão da dança profissional, as questões ainda se agravam por se tratar de eventos e companhias comumente financiados com dinheiro do poder público. Seguindo o raciocínio de lugar de fala (RIBEIRO, 2017) que em determinados momentos seguimos a experiência pessoal que aponta para o locus social dos indivíduos, e a partir das análises da "Escrita de si: a alternativa dramática" para a produção de conhecimento (VERSIANI, 2008), acreditamos que a estratégia da AutoEtnografia se adegue como modo operante na criação e desenvolvimento deste trabalho. Também é essa a perspectiva que agrega outros artistas criadores no experimento "Mostra Etnografias Urbanas Subversivas", em torno do fortalecimento dos discursos de empoderamento, de indivíduos pertencentes a grupos socialmente minorizados, através do processo criativo, e que é uma ação de afirmação nesta pesquisa oferecendo/promovendo espaços de difusão deste discurso/corpo.

Cria-se então, à guisa de conclusão da ideia, a expectativa de profissionalmente encontrar a perspectiva de abertura para novos modos de fazer e baseados em novos paradigmas que potencialmente fortaleçam o fazer artístico e acadêmico, com a identificação de outros sistemas possíveis, porque friccionam

práticas anteriormente normatizadas/normalizadas. Contribui assim, com aproximações dos fazeres artísticos com os fazeres sociológicos em práticas de empoderamento que fortalecem novos sujeitos sociais enfatizando sua representatividade.

\* Maria Luiza da Silva Meireles. [mluizameireles@gmail.com](mailto:mluizameireles@gmail.com)

Mestranda Profissional em Dança pela UFBA.

\*\* Leonardo Augusto Luz Alcântara Silva (UFBA). [leodluz30@gmail.com](mailto:leodluz30@gmail.com)

Mestrando Profissional em Dança pela UFBA.

Orientadora: Daniela B. Guimarães.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BITTENCOURT, A. M. **Novas Estruturas na Produção de Conhecimento em Dança.** Associação Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA. Salvador: UFBA, 2012.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe.** Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, F. **Peles Negras, Máscaras Brancas.** Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

LEPECKI, A. **Coreopolítica e Coreopolícia.** EUA: Tisch School of the Arts. New York University, 2012.

MOREIRA, A. J. Privilégio e Opressão. **Revista Observatório Itaú Cultural.** São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

NAVAS, C. *In: Dicionário SESC*, a Linguagem da Cultura. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PAULA, F. S. **Evocações e presenças negras na Dança Contemporânea paulistana.** São Paulo: UNESP, 2016.

RIBEIRO, D. O que nos torna mulheres? Os perigos de novas normatizações e a importância do caminho descontínuo. **Revista Observatório Itaú Cultural.** São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

\_\_\_\_\_. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Letramento, 2017.

\_\_\_\_\_. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SALLES, C. A. **Redes de Criação**: construção da obra de arte. Vinhedo: Editora Horizonte, 2006.

SANTOS, M. "Como é ser negro no Brasil" (Entrevista). **Portal GELEDÈS**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/como-e-ser-negro-no-brasil-por-milton-santos>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

VERSIANI, D. B. Escrita de si: a alternativa dramática. **XI Congresso Internacional da ABRALIC**: Tessituras, Interações, Convergências. Universidade de São Paulo - USP. São Paulo, 2008.



## 2 MEIO

### 2.1 PERCURSO ACADÊMICO E SUAS ENCRUZILHADAS

**Imagem 1** - *Chama: Coreografia para artistas incendiárixs*, de Jorge Alencar e Neto Machado para o Balé Teatro Castro Alves, 2018<sup>41</sup>



Foto: Caio Lírio.

#### 2.1.1 PRODAN: DESCRIÇÃO DO HISTÓRICO CURSADO. DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS E FACULTATIVAS

##### PRODAN 00000020 PROJETOS COMPARTILHADOS

**Carga Horária:** 51 h.

**Créditos:** 03.

**Ementa:** Articulação com a qualificação profissional em dança. É uma atividade voltada ao exercício de encontros regulares para discussão coletiva dos projetos individuais de prática profissional em Dança.

**Referências:** Elaborada a partir dos projetos de prática profissional dos estudantes.

**Área de Concentração:** Inovações Artísticas e Pedagógicas em Dança.

---

<sup>41</sup> Em Chama, assim como no exercício de conciliar a atuação prática na dança com a vida acadêmica, eu me colocava como uma artista incendiária disposta a queimar obstáculos e desafios impostos aos artistas nesse país ao mesmo tempo que percebia a cultura ser dizimada como o Museu Nacional diante do fogo que lhe atingiu.

**Docentes:** Profa. Dra. Ana Elisabeth Simões Brandão, Profa. Dra. Rita Ferreira de Aquino e Prof. Dr. Fernando Marques Camargo Ferraz.

**Nota:** 10.0.

**Atividades artísticas, relacionadas à pesquisa, realizadas no período dessa disciplina:** Antes de elencar as inúmeras atividades realizadas no período acima indicado, ressalto a importância dessa disciplina que promoveu a partilha das pesquisas de todas as mestrandas e mestrandos da turma inaugural do Programa de Mestrado Profissional da UFBA. Particularmente, avalio que minha pesquisa sofreu influência de muitas perspectivas apresentadas por minhas colegas, e mediadas pelo trio de docentes responsável pela disciplina, que contribuíram para que eu encontrasse caminhos ainda desconhecidos.

**1. Participação no V Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA (Associação Nacional de Pesquisadores em Dança):**

- Mostra Artística: Apresentação de "Lugar de Preta: uma conversa performance autobiográfica" no Teatro ICBA (Instituto Cultural Brasil Alemanha);
- Comitê "Dança e diáspora negra: poéticas políticas, modos de saber e epistemes outras". Comunicação oral, junto ao mestrando Leonardo Luz, do trabalho "A falta de representatividade (ou a Invisibilidade) do corpo negro na cena da dança no Brasil".

**Imagem 2 - Lugar de Preta** de Luiza Meireles para o Balé Teatro Castro Alves, 2018<sup>42</sup>



Foto: Ticiana Garrido.

## **PRODAN 00000002 ABORDAGENS E ESTRATÉGIAS PARA PESQUISA EM EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS EM DANÇA**

**Carga Horária:** 51 h.

**Créditos:** 03.

**Ementa:** Apresentação de aspectos teórico-conceituais e metodológicos da pesquisa artística, considerando a abordagem, a natureza, os objetivos e os procedimentos de investigação. Apresentação de eixos básicos para construção da pesquisa e estruturação de projetos profissionais e experiências estéticas inovadoras no campo da dança.

### **Referências:**

BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian (Orgs.). **Interterritorialidade:** mídias, contextos e educação. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2008.

COSTA, M.; COSTA, M. **Metodologia da pesquisa:** conceitos e técnicas. Rio de Janeiro: Interciência, 2001.

---

42 O solo Lugar de Preta foi um disparador importante para a minha pesquisa acadêmica.

DEMO, Pedro. **Metodologia da pesquisa científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1978.

FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (Orgs.). **Escritos de Artistas: anos 60/70**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

HASEMAN, Brad. Manifesto para pesquisa performativa. **Resumos dos Seminários de pesquisa em andamento PPGAC/USP**. Editor responsável: Umberto Cerasoli Jr., v. 3.1, 2005.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2010.

NEGRI, Antonio. **Art&Multitude: nine letters on art, followed by metamorfoses art and immaterial labor**. Cambridge UK: Policy Press, 2011.

RIBEIRO, Walmeri; ROCHA, Thereza (Orgs.) **Das artes e seus territórios sensíveis**. São Paulo: Intermeios, 2014.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística**. São Paulo: EDUC, 2008.

**Área de Concentração:** Inovações Artísticas e Pedagógicas em Dança.

**Docentes:** Profa. Dra. Daniela Bemfica Guimarães e Profa. Dra. Rita Ferreira de Aquino.

**Nota:** 9.6.

**Atividades advindas da disciplina:** Poema resultante da provocação criativa da Professora Daniela Guimarães que solicitou a todas as pessoas inscritas em sua disciplina que escolhessem uma imagem que representasse suas respectivas pesquisas naquele momento. Após poucos minutos de observação da imagem apresentada juntamente à livre escrita, nasceu o poema a seguir:

*Dar suporte*

*Ir em busca*

*Se jogar no contrapeso que a outra mulher oferece*

*E que não é outra mas sim você*

*E será você em busca do equilíbrio que lhe será útil para a subida da próxima*

*Que já se avizinha.*

*Que harmoniza na cor*

*Tênis com bota com calça com vestido com sentido com propósito com querer*

*com poder com ser*

*apenas ser.*

*Auxilia no voo e é auxiliada na base  
Com uma perna, sem tronco, braços e cabeça e, ainda assim, muito*

*Muito Gente  
Indivíduo  
Sujeito  
E tudo isso no feminino  
o que faz toda a diferença.*

*Enxerga  
ainda submersa, mas enxerga ela lá  
Tem uma pessoa lá.  
Oferece apoio*

*Atenção*

*Uma mão*

*Uma possibilidade*

*Um caminho a explorar.*

*Tem jogo, conversa, peso, contrapeso, azul com rosa e laranja com verde.*

*Tem ação, tem intenção, interação, disposição.*

*Tem muita reta, diagonal, mas também tem curva, ainda que às vezes tímida, tem o  
redondo fundamental.*

*Eleva acima de onde você está aquela pessoa que, até por isso*

*Também te faz voar*

*E recomeçar para de novo subir e explorar novas possibilidades de*

*Mais uma vez*

*Voar.*

*E dessa vez*

*Quem sabe*

*Acompanhada de outras que também desejam estar lá.*

**PRODAN 00000001 TÓPICOS INTERDISCIPLINARES EM DANÇA E  
CONTEMPORANEIDADE**

**Carga Horária:** 51 h.

**Créditos:** 03.

**Ementa:** Estudos e discussões acerca de pressupostos epistemológicos da contemporaneidade da dança sob perspectivas políticas, educacionais e sociais e as

aproximações teórico-práticas das pesquisas artístico-pedagógicas articuladas com projetos e produtos individuais.

**Conteúdo Programático:** Ecologia dos Saberes; Pós-colonialismo; Ciências Cognitivas e Dança; Neurônios Espelho e processo de aprendizagem; Composição e Improvisação em Dança; Processos de Criação Compartilhada; Corpo *Work in Progress*; Dramaturgia do Movimento e Criação em Rede.

**Referências:**

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? *In*: AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009, p. 30-51.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural: Cultura e Imaginário**. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda., 1997.

KATZ, Helena, GREINER, Christine. Por uma Teoria Corpomídia. *In*: GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005, p. 125-133.

KATZ, Helena. O papel do corpo na transformação da política em biopolítica. *In*: GREINER, Christine. **O corpo em crise: novas pistas e o curto-circuito das representações**. São Paulo: Annablume, 2010. p. 121-132.

LIPOVETSKY, Gilles. A indiferença pura. *In*: LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri,: Manole, 2005, p. 17-30.

MATURANA, Humberto R. **Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano de patriarcado à democracia**. Humberto Maturana, Gerda Verden-Zöller. Tradução: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MOURA, Gilsamara. Dançar como bocejar, contágio! *In*: LENGOS, Georgia de. (Org.) **Põe o dedo aqui: reflexões sobre dança contemporânea para crianças**. São Paulo: Terceira Margem, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza Santos; MENESES, Maria Paula (Orgs). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

**Área de Concentração:** Inovações Artísticas e Pedagógicas em Dança.

**Docentes:** Profa. Dra. Ana Elisabeth Simões Brandão e Prof. Dr. Antrifo Ribeiro Sanches Neto.

**Nota:** 10.0.

**Docentes Convidadas (os):**

- Profa. Dra. Ciane Fernandes;
- Profa. Dra. Lia Robatto;
- Profa. Dra. Vanda Machado;
- Prof. Dr. Eduardo Oliveira;
- Prof. Dr. Leonardo Sebiane Serrano;
- Profa. Dra. Terezinha Fróes Burnham e Profa. Dra. Marise Sanches;
- Profa. Dra. Ludmila Pimentel;
- Manfred Stoffl (Diretor do Instituto Goethe).

**Imagem 3** - 1ª Turma do PRODAN, a Profa. Dra. Ana Elisabeth Simões Brandão, o Prof. Dr. Antrifo Ribeiro Sanches Neto e Profa. Dra. Ciane Fernandes, 2019



Fonte: acervo pessoal.

**Imagem 4** - 1ª Turma do PRODAN, a Profa. Dra. Ana Elisabeth Simões Brandão, o Prof. Dr. Antrifo Ribeiro Sanches Neto e Profa. Dra. Ciane Fernandes, 2019



Fonte: acervo pessoal.

**Imagem 5** - Mestrandes com a Profa. Dra. Lia Robatto, 2019



Fonte: acervo pessoal.

**Imagem 6** - Mestrandes com o Prof. Dr. Leonardo Sebiame Serrano, 2019





Fonte: acervo pessoal.

**Imagem 7 - Mestrandes com a Profa. Dra. Vanda Machado, 2019**



Fonte: acervo pessoal.

**Imagem 8 - Mestrandes com a Profa. Dra. Vanda Machado, 2019**



Fonte: acervo pessoal.

**Imagem 9 - Mestrandes com o Prof. Dr. Eduardo Oliveira, 2019**



Fonte: acervo pessoal.

**Imagem 10** - Mestrandes com Manfred Stoffl (Diretor do Instituto Goethe), 2019



Fonte: acervo pessoal.

**Imagem 11** - Mestrandes com a Profa. Dra. Terezinha Fróes Burnham e a Profa. Dra. Marise Sanches, 2019



Fonte: acervo pessoal.

**Imagem 12** - Com Nei Lima durante aula com o Prof. Dr. Leonardo Sebiane, 2019



Fonte: acervo pessoal.

**Atividades advindas da disciplina:** Texto de considerações acerca da implicação das discussões experimentadas no curso da disciplina e nossa vida.

Salvador, 03 de julho de 2019.

*Sair do teatro e me deparar com algumas pessoas dormindo na calçada, ver uma mãe berrar com sua filha de no máximo 02 anos de vida a chamando de desgraça, assistir um policial assediar uma adolescente que até então andava despretensiosamente a caminho da escola, ter notícias de que um amigo querido, também artista, foi alvejado gratuitamente por um policial numa das ruas mais movimentadas da cidade de Salvador e, depois de tanta tristeza, constatar que todas as pessoas envolvidas nos acontecimentos acima têm a pele negra... Definitivamente, sobreviver na diáspora não é nada fácil!*

*Assim como confessado por bell hooks (2019) em seu livro “Olhares Negros: raça e representação”, o olhar sempre foi político em minha vida. Desde muito cedo, aprendi a desviar daqueles tantos olhares de reprovação e julgamento que recebia das pessoas que participavam do meu mundo. Afinal de contas, a branquitude não sabe lidar com a presença de pessoas negras em lugares ou ocasiões que, por algum motivo, lhes deixem em destaque. O fato de ser a única negra na turma da escola, na aula de dança, na aula de inglês, no prédio em que eu morava, na minha família materna e em tantas outras situações, já me conferia destaque o suficiente.*

*Aprendi a procurar por olhares de cumplicidade, solidariedade e afeto vindos de pessoas que muitas vezes não conheço. Olhares que, ainda de relance, me mantêm de pé com uma altivez que nem consigo acreditar... mas acredito! De pessoas conhecidas, não raro os olhares são de reprovação. Olhares que de tão incomodados e reprovadores já receberam a companhia da voz que impetuosamente condenou. Mas, como um milagre, também me fortaleço com o que inicialmente foi concebido para me machucar.*

*Confesso que literalmente ainda não me achei mas, com todo o atrevimento e a segurança que somente são festejados/legitimados quando vindos de pessoas brancas, metaforicamente me acho realmente uma artista de muito valor! Não me desculpar pelos êxitos que alcancei com muita dedicação no decorrer de minha vida é um exercício que sigo praticando. Afinal de contas, ainda tenho uma autocrítica severa pra administrar. Sigo treinando meu olhar para não sucumbir às micro e grandes agressões reservadas aos seres humanos de pele preta no mundo. Continuo*

*exercitando meu olhar em busca de encontros/descobertas/trocas/aprendizados que me ajudem a prosseguir curiosa pela vida.*

*Curiosamente, como Manoel de Barros (Livro sobre o nada, 1996, p. 47), sigo avançando para o começo e, exatamente como aquela menina solitária que convivia muito pouco com outras crianças pretas como ela, atuo como bailarina numa cia de dança com um elenco feminino majoritariamente branco. Lá no começo, quando ainda menina, meus olhares não encontravam as alternativas que poderiam construir caminhos e pontes que me levariam ao convívio de outras crianças pretas ou, ainda, que possibilitassem que elas viessem ao meu encontro se assim desejassem. Porém, meus olhares já se depararam por tempo demais com a dinâmica cultural que exclui mulheres negras como eu dos postos de trabalho em cias públicas de dança no Brasil.*

*A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura. (ADICHIE, 2015, p. 17)<sup>43</sup>*

### **PRODAN 00000023 PRÁTICA PROFISSIONAL ORIENTADA I, II E III**

**Carga Horária:** 102 h (cada semestre).

**Créditos:** 03 (cada semestre).

**Ementa:** Desenvolvimento de práticas profissionais avançadas e transformadoras no campo da Dança. Estas atividades práticas podem estar inseridas em qualquer um dos elos da cadeia produtiva da cultura: formação, criação, produção, difusão e memória. Deste modo, abrangem atuações artísticas, de caráter artístico pedagógico, gerenciais-administrativas, de desenvolvimento de projetos profissionais no campo da dança (artísticos, educacionais e sociais), de desenvolvimento tecnológico-científico e de pesquisa aplicada à prática profissional específica. A supervisão de cada Prática é realizada através de encontros presenciais entre mestrando e orientador, encontros estes que devem compreender ao menos 10% do total de cada Prática. Estes encontros presenciais podem se dar através de horários individuais ou específicos para orientação, supervisão presencial de atividades (ensaios, aulas, reuniões, etc.), ou de outros formatos que garantam o acompanhamento presencial no âmbito de cada Prática específica. A definição das Práticas Profissionais Orientadas que compõe este componente, e a definição de sua carga horária de atividades e de supervisão

---

<sup>43</sup> Apesar de não atuar atualmente em uma cia pública de Dança, Mariana já integrou o elenco do Balé Guaira e do Balé da Cidade de São Paulo.

presencial, condições específicas, instituições e locais para a sua realização é individualizada para cada aluno, e resulta tanto das oportunidades disponíveis ao aluno para exercício da prática profissional, como das recomendações da Orientação nos plano de atividades de cada aluno.

**Referências:** Elaborada a partir dos projetos de prática profissional dos estudantes.

**Área de Concentração:** Inovações Artísticas e Pedagógicas em Dança.

**Docente Orientadora:** Profa. Dra. Daniela Bemfica Guimarães.

**Nota:** Aprovada (AP).

### **PRODAN 00000023 TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO I E II**

**Carga horária:** --

**Créditos:** 02 (TCC I) / 0 (TCC II).

**Ementa:** Constitui-se de um Memorial que sintetize as experiências advindas do curso, e de como estas colaboram na consolidação do perfil profissional alcançado. Complementam esse Memorial os produtos gerados em cada um dos módulos do curso, a exemplo dos trabalhos escritos resultantes das disciplinas cursadas; os relatórios de todas as práticas supervisionadas cumpridas; eventuais produtos resultantes das práticas; comprovação (registro fotográfico, audiovisual e material de divulgação) das apresentações públicas realizadas. O Trabalho de Conclusão Final será defendido publicamente frente a uma Comissão Julgadora constituída pelo docente orientador do mestrando, um docente do PRODAN, e um membro não pertencente ao corpo docente do curso.

**Referências:** Elaborada a partir dos projetos de prática profissional dos estudantes.

**Área de Concentração:** Inovações Artísticas e Pedagógicas em Dança.

**Docente Orientadora:** Profa. Dra. Daniela Bemfica Guimarães.

**Nota:** Aprovada (AP).

### **PRODAN 00000019 TÓPICOS ESPECIAIS EM DANÇA: RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS E PEDAGÓGICAS**

**Carga Horária:** 51 h.

**Créditos:** 03.

**Ementa:** Investigação orientada em Dança de caráter artístico e/ou pedagógico, com a mediação de um artista convidado. Concepção de residências como espaços que articulam formação e criação, promovendo a retroalimentação com as práticas

profissionais dos estudantes assim como o estabelecimento de vínculo entre estas diferentes práticas por meio do engajamento dos participantes em um projeto comum.

**Conteúdo Programático:** Experimentação de formas de trabalho coletivas de caráter colaborativo, marcadas pelo encontro e pela diversidade; Construção de campo fértil para a orientação de investigação de metodologias interdisciplinares.

**Referências:**

BASBAUM, Ricardo. **Manual do artista-etc.** Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2013.

COTRIM, Cecília; FERREIRA, Glória (Orgs. Seleção e comentários). **Escritos de artistas: anos 60/70.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

FUNARTE. **Mapeamento de Residências Artísticas da Funarte.** Disponível em: [http://www.funarte.gov.br/residenciasartisticas/wp-content/uploads/2014/07/miolo+capa-livro-res-artisticas-FINAL\\_baixa-res.pdf](http://www.funarte.gov.br/residenciasartisticas/wp-content/uploads/2014/07/miolo+capa-livro-res-artisticas-FINAL_baixa-res.pdf).

Acesso em: 26 jan. 2017.

GOLDBERG, Roselle. **Performance.** Live art since 1960. New York: Harry N. Abrams, 1998.

MNOUCHKINE, Ariane. **A arte do presente.** Entrevistas com Fabienne Pascaud. Rio de Janeiro: Cobogó, 2011.

MORAES, Marcos José Santos. **Residências artísticas: ambientes de formação, criação e difusão.** 2009. 134 f. II. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do Sensível: estética e política.** São Paulo: Editora 34, 2009.

**Área de Concentração:** Inovações Artísticas e Pedagógicas em Dança.

**Docentes:** Profa. Dra. Daniela Bemfica Guimarães e Profa. Dra. Rita Ferreira de Aquino.

**Nota:** 10.0.

**Atividades advindas da disciplina:** Texto de considerações acerca das partilhas experimentadas com as docentes e as demais pessoas pesquisadoras durante a disciplina.

*No momento em que me debruço sobre minha pesquisa acerca da falta de bailarinas/dançarinas negras em Cias públicas de dança no Brasil, decidi frequentar as aulas da disciplina “Tópicos Especiais em Dança: Residências Artísticas e Pedagógicas”. Minha escolha por habitar artisticamente um ambiente cheio de*



*pesquisadores vindos de diferentes contextos, e interessados em temas diversos de pesquisa, diz muito sobre meu apreço às diferentes perspectivas possíveis de estar no mundo. Devo confessar que o fato da disciplina ser conduzida pelas (incríveis!) professoras Daniela Guimarães e Rita Aquino contribuiu para a minha decisão.*

*Depois de toda uma vida dedicada à Dança, com uma atuação profissional de quase três décadas, não é fácil ser surpreendida por um novo movimento corporal ou por uma descoberta genuína de ação em meu corpo. Considero um acontecimento importante experimentar tal novidade! Não por acaso, isso se deu numa dinâmica conduzida e realizada por artistas de trajetórias profissionais e interesses artísticos diferentes. Diversidade, sem dúvida, é um assunto caro à minha pesquisa.*

*A importância de contemplar a diversidade racial em cias oficiais de dança no Brasil é uma das justificativas de minha pesquisa, bem como, enaltecer as riquezas estética, ética, intelectual, cultural, social e artística advindas da diversidade como valor humano consubstancia minha pesquisa. Nesse contexto, experimentar pesquisas artísticas junto a pesquisadores diversos contribuiu sobremaneira para o aumento de meu repertório artístico e pessoal.*

*Durante as aulas dessa disciplina, observei que o que mobiliza minha capacidade de criação em dança nesse momento de minha pesquisa é justamente ser provocada por novos olhares sobre os mesmos temas. Observar como outras/os artistas abordam assuntos e temas, por mim também abordados, por meio de movimentos ou não movimentos faz com que eu encontre “variadas portas de percepções”, como salientado por Léo Luz em uma roda pós atividade.*

*“Observar subjetividades”, como proposto por Kiran, é um caminho sem volta. Empreender esforços no resgate de um olhar sensível sobre o nosso tempo, como sugerido por Dioguinho, abre novas possibilidades de abordagem às minhas criações artísticas. Assim como me deparar com proposições acerca do fazer artístico, valores ou perspectivas divergentes ao que acredito, também pode contribuir com o meu posicionamento no mundo.*

*Perceber-me transformada em alguma medida por meio de microprocessos de residência artística, como ocorreu no curso dessa disciplina, demonstra o já afirmado por Maturana que “aprender não é uma aquisição de algo que está lá. É uma transformação em coexistência com o outro” (MATURANA, 2000, p. 88).*

## NA CONTEMPORANEIDADE, POÉTICAS E TENSIONAMENTOS

**Carga Horária:** 51h.

**Créditos:** 03.

**Ementa:** Estudos da produção teórica sobre as poéticas negras no Brasil e na diáspora, e os entrelaçamentos com as políticas afirmativas da cena contemporânea. Análise de seus precursores, dimensões históricas e tensionamentos teóricos. Percepção dos procedimentos de criação em dança embasados nas diversas esferas da vivência africana na diáspora e suas simbologias, experiências e desejos.

**Conteúdo Programático:** O cenário contemporâneo das produções: festivais, grupos e artistas. Arte Negra e poética contemporânea: tensionamentos teóricos (pensamento afrocentrado, hibridismo, decolonialidade, identidades desessencializadas, diáspora e o afrofuturismo). A estética diaspórica e suas poéticas políticas, simbologias, experiências e desejos; Procedimentos de criação: tramas, métodos, materiais e poéticas.

### Referências:

DANIEL, Yvonne. O poder do corpo dançante na performance afro-descendente.

**Revista Rebento.** São Paulo, n. 6, 2017, p.17-50.

FERRAZ, Fernando Marques Camargo. **O corpo da dança negra contemporânea:** diáspora e pluralidades cênicas entre Brasil e Estados Unidos. 2017. 368 f. Tese (Doutorado) - IA / UNESP, 2017.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade.** Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2013.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

KEALIINOHOMOKU, Jean. Uma antropóloga olha o ballet clássico como uma forma de dança étnica. *In:* CAMARGO, Giselle Guilhon Antunes (Org.). **Dança e Antropologia I.** Florianópolis: Insular, 2013.

LIGIÉRO, Zeca. **Corpo a corpo:** estudo das performances brasileiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

RODRIGUES, Graziela Estela Fonseca. **Bailarino-Pesquisador-Intérprete:** processo de formação. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.

SANTOS, Inacyra Falcão dos. **Corpo e Ancestralidade:** uma proposta pluricultural de dança-arte-educação. Salvador: EDUFBA, 2002.

SILVA, Marilza Oliveira da. **Ossain como poética para uma dança afro-brasileira**. 2016. 107 f. Dissertação (Mestrado em Dança) - Programa de Pós-Graduação em Dança da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2016.

**Área de Concentração:** Inovações Artísticas e Pedagógicas em Dança.

**Docente:** Prof. Dr. Fernando Marques Camargo Ferraz.

**Nota:** 10,0.

**Atividades advindas da disciplina:** Após intensa partilha de saberes, referências, conversas com artistas/pesquisadores convidadas/os, o Professor Dr. Fernando Ferraz nos solicitou a escrita de duas cartas direcionadas, respectivamente, a uma discípula e a um mestre, escolhidos por cada mestranda/o. Para minha discípula, escolhi escrever uma carta endereçada a mim quando criança. Representando um mestre, escrevi uma carta para o coreógrafo israelense Ohad Naharin com quem trabalhei em 2003.

### **Carta à Discípula**

*Salvador, 16 de maio de 1981.*

*Querida Luiza,*

*Venho tentando te dizer algo já a algum tempo, mas sinto que você ainda não consegue me compreender. Ouça, minha menina, todo seu esforço e dedicação serão lindamente recompensados. Não se cobre tanto! Seu futuro profissional na dança será repleto de conquistas e vitórias, apesar de algumas tantas decepções. Algumas decepções doerão um bocado mas, por incrível que pareça, elas te farão crescer na velocidade de um cometa e de repente, como mágica, você agradecerá por ter tido a oportunidade de olhar para novas direções.*

*Você trabalhará com profissionais da dança respeitados no Brasil e no mundo e, acredite, será admirada por muitos deles. Sua carreira profissional lhe levará para palcos em cidades espalhadas por diferentes países e, sim, você conseguirá se expressar e conversar com o mundo por meio de sua dança. Sua introspecção e timidez, que até então te protegem da violência cotidiana do racismo, não precisarão ser acessadas como um escudo de proteção o tempo todo. Você criará novas estratégias de sobrevivência!*

*Que tal experimentar durante as aulas de dança se olhar com mais admiração e com menos cobrança? Também pode ser uma boa ideia você aceitar o convite para ir à festa de aniversário de sua amiga no próximo sábado. Não se preocupe com o ensaio nesse dia... você só tem 6 anos de idade e terá muitos anos dedicados a ensaios em sua vida.*

*Muitas vezes te pedirão mais empenho na execução de algum movimento específico. Mas sempre que você se sentir desconfortável com isso, tente se lembrar de que o que precisa melhorar é a execução do movimento. Com você está tudo certo, minha querida! Não nascemos sabendo de tudo e, mesmo adultos, ainda teremos sempre muitas coisas a aprender. Lá na frente, quando finalmente entender que não existe a tal perfeição que te cobram sua professora de balé e algumas outras pessoas que você ama, uma nova artista potente nascerá... e essa artista será você!*

*Por fim, eu gostaria de te dizer que todo o prazer que você sente ao dançar é valoroso. Mas tente não esquecer que além da dança tem um tanto de coisa incrível pra gente viver nessa vida e que todas essas outras coisas te farão uma bailarina ainda mais interessante! Ah, já estava quase esquecendo de te contar sobre algo importante: sabe aquele incômodo que te remexe a cabeça, o estômago e o coração sempre que te olham e/ou te tratam esquisito em ambientes em que você é a única criança preta presente? Você descobrirá o nome dessa violência diária, conviverá com ela e experimentará a solidão de ser a única negra em alguns espaços de poder por toda a sua vida mas (pode acreditar!) você será agente de mudança e viverá a mudança! Tornar-se negra é tão lindo, minha pequena! Confie e vá!*

*Com amor,*

*Luiza Meireles.*

### **Carta ao Mestre**

*Salvador, 03 de dezembro de 2020.*

*Querido Ohad Naharin,*

*Desde que trabalhamos juntos em São Paulo, muita coisa mudou em nossas vidas. Por aqui, continuo dançando no Balé Teatro Castro Alves (BTCA), Cia baiana de dança em que retornei após trabalhar no Balé da Cidade de São Paulo (BCSP). Hoje em dia também atuo como advogada em Salvador e tenho duas filhas lindas.*

*Acompanho de longe o sucesso constante da Batsheva e adoro ver o GAGA se espalhar pelo mundo e conquistar pessoas bailarinas e amantes da dança de diferentes nacionalidades. Vi que você se tornou pai e me emociono sempre que te assisto fazer e falar sobre dança em filmes ou documentários.*

*Em 2003, quando no BCSP tive a honra de trabalhar contigo, imaginava experimentar um processo artístico rico e também desgastante com o coreografo de dança contemporânea mais interessante do momento. Vivi, junto ao elenco da cia paulistana, a ansiedade crescente antes de sua chegada. Hoje consigo entender que nada do que esperávamos viver se compara à transformação artística e pessoal que iríamos experimentar.*

*Pessoalmente, sempre gostei dos processos criativos nas cias de dança mas o desgaste emocional que em alguma medida pode surgir nesses processos me traz lembranças não muito agradáveis. Durante o período de trabalho com você e sua incrível assistente Adi Salant, apesar do imenso cansaço físico por conta da intensidade do que vivíamos, o sofrimento emocional aconteceu depois de sua partida: afinal de contas, como seria viver novos processos artísticos depois de uma experiência tão transformadora como a que tínhamos experienciado?*

*Foi durante os ensaios contigo que finalmente entendi o quão libertador e poderoso é valorizar e deixar fluir nossas subjetividades. Eu via a transformação nos corpos das bailarinas e bailarinos do elenco depois de uma provocação sua, ao mesmo tempo que sentia em meu corpo e no meu jeito de me mover na vida os resultados de um período de ensaio contigo. O que você achava interessante e buscava nas intérpretes era exatamente o que tínhamos de singular, nossa personalidade e nossos valores pessoais.*

*Para uma bailarina já experiente e talhada por cias públicas de dança e por profissionais sedentos pela eficiência de seus elencos, descobrir contigo a potência de ser quem eu era foi de uma força realmente transformadora. Como mágica, lembro da emoção quase juvenil que senti quando ouvi de você sussurrando em meu ouvido "Luiza, você não precisa me mostrar que é foda o tempo todo. Você é assim e não tem que se esforçar pra me mostrar ou me provar isso todos os dias. Apenas seja você". Eu não precisava buscar pela bailarina ideal, eu precisava me reaproximar de mim!*

*Devo dizer que para uma artista negra, dançando em um ambiente majoritariamente branco, ser alçada a solista por Ohad Naharin a partir da valorização*

*de minha subjetividade foi um momento inesquecível em minha carreira. Para além de receber aquela honraria na dimensão artística, foi em minha vida particular que meu período de trabalho com você foi mais transformado.*

*Não disse naquela época mas digo agora: Gratidão, Ohad! Muito do que penso sobre dança, sobre mundo e sobre mim foi construído a partir do que vivemos naquele período de trabalho juntos!*

*Abrço afetuoso,*

*Luiza Meireles.*

### **2.1.2 PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS CIENTÍFICOS E ACADÊMICOS**

#### **VI CONGRESSO CIENTÍFICO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA (ANDA)**

Junho de 2019

Apresentação oral, junto com o mestrando Leonardo Luz, no Comitê Temático “Dança e Diáspora Negra: Poéticas políticas, modos de saber e epistemes outras”.

**Imagem 13** - Apresentação oral com o mestrando Leonardo Luz no Comitê Temático "Dança e Diáspora Negra: Poéticas políticas, modos de saber e epistemes outras" do VI Congresso Científico da ANDA, 2019



Foto: Nei Lima.

### **CONGRESSO VIRTUAL UFBA 2020**

Participação na Mesa: "Corpocriação e Introspecção: Implicações raciais e de Gênero nas Produções Artísticas de Mulheres e Homens Negrxs" com os mestrands Candai Calmon e Leonardo Luz.

**Imagem 14** - Cartaz de divulgação do Congresso Virtual UFBA – Universidade em Movimento, 2020

**CONGRESSO VIRTUAL UFBA** 21/05  
 18 A 29 DE MAIO **UNIVERSIDADE EM MOVIMENTO** 2020 10:00 - sala i

**MESA: CORPOCRIAÇÃO E INTROSPEÇÃO: IMPLICAÇÕES RACIAIS E DE GÊNERO NAS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS DE MULHERES E HOMENS NEGRXS**

**CANDAI CALMON** **LUIZA MEIRELES** **LEONARDO LUZ**

**MESTRANDAS/O – DANÇA PRODAM/ UFBA**

**PARA ASSISTIR, ACESSE:**  
**WWW.CONGRESSO2020.UFBA.BR** OU  
**FACEBOOK.COM/CONGRESSOUFBA** OU  
**YOUTUBE.COM/TVUFBA**

Fonte: Candai Calmon.

### **2.1.3 PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS CIENTÍFICOS E ACADÊMICOS COM PUBLICAÇÕES E APRESENTAÇÕES ORAIS**

Publicação do Artigo: "A falta de representatividade do corpo negro na cena da dança o Brasil" nos anais da Associação Nacional dos Pesquisadores em Dança.

### **2.1.4 PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS CIENTÍFICOS E ACADÊMICOS COM APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS**

**VI ENCONTRO CIENTÍFICO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA (ANDA)**



Dia 05 de junho de 2019

- Publicação do artigo *A Falta de Representatividade ou a Invisibilidade do Corpo Negro na Cena de Dança no Brasil* em coautoria com o mestrando Leonardo Luz;
- Apresentação do solo *Lugar de Preta. Uma Conversa Performance Autobiográfica* no Teatro do Instituto Cultural Brasil Alemanha (ICBA), em Salvador/BA.

**Imagem 15** - *Lugar de Preta* de Luiza Meireles para o BTCA, 2019



Fonte: acervo pessoal.

### **2.1.5 AÇÕES TEÓRICO-ARTÍSTICAS RELACIONADAS AO TEMA DA PESQUISA ENSAIOS ABERTOS DO SOLO LUGAR DE PRETA. UMA CONVERSA PERFORMANCE AUTOBIOGRÁFICA<sup>44</sup>**

Março de 2019

Os ensaios foram realizados para apreciação e troca de impressões com artistas/pesquisadores convidados, na sala de ensaio do Balé Teatro Castro Alves/Piso B do Teatro Castro Alves.

### **MOSTRA ETNOGRAFIAS URBANAS SUBVERSIVAS NO TEATRO GAMBOA NOVA, EM SALVADOR/BA<sup>45</sup>**

Dia 27 de abril de 2019

---

44 Lorena dedicou alguns anos de sua carreira como bailarina à preparação para passar numa audição do BTCA mas nunca foi admitida.

45 Pacto narcísico da branquitude é a expressão usada pela psicóloga Cida Bento para denunciar o acordo tácito existente entre pessoas brancas que sempre atuam na manutenção dos privilégios entre eles, dificultando a inclusão de outros grupos racializados, por exemplo, nas indicações de trabalho.

Imagem 16 - Cartaz de divulgação da 1ª Mostra Etnografias Urbanas Subversivas, 2019



Fonte: Mostra Etnografias Urbanas.

**AULA INAUGURAL DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO,  
CULTURA E DIVERSIDADE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA  
BAHIA (UFRB), EM SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO/BA**

Dia 17 de agosto de 2019

Apresentação do solo *Lugar de Preta. Uma Conversa Performance Autobiográfica* na aula inaugural de um curso de especialização promovido por uma universidade pública federal que contempla maioria negra e pobre no ensino superior<sup>46</sup>.

*Apresentação cheia de significados pra mim como artista e para a plateia formada, em sua maioria, por estudantes negros.*

---

46 MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

**Imagem 17** - Cartaz de divulgação da Aula Inaugural do Curso de Especialização em Educação, Cultura e Diversidade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), 2019



Aula Inaugural

## Especialização em Educação, Cultura e Diversidade

**09h às 10h** - Espetáculo "Lugar de Preta: Uma Conversa Performance Autobiográfica", de Luiza Meireles (BTCA), Dir. Tutto Gomes.

**10h às 12h** - Mesa de abertura com a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Flavia Damião (Ufba) e Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Iris Verena de Oliveira (Uneb).

**14h às 16h** - Orientações Acadêmicas e Administrativas.

**17 de agosto**  
**Museu do Recolhimento dos Humildes**  
**Santo Amaro-Ba**

Realização

CECULT UFRRB Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Parceiros

IPAC btca Instituto Brasileiro de Teatros

TEATRO CASTRO ALVES

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA fun-ceb

GOVERNO DO ESTADO SECRETARIA DE CULTURA

Fonte: Balé Teatro Castro Alves.

## **ENCONTRO DO CONSELHO BRASILEIRO DA DANÇA (CBDD) NO TEATRO CASTRO ALVES, EM SALVADOR/BA**

Dia 21 de setembro de 2019

Apresentação do solo *Lugar de Preta. Uma Conversa Performance Autobiográfica* seguida de bate-papo com a plateia.

## **V SEMINÁRIO DE CRIAÇÃO EM DANÇA DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA (FUNCEB), EM SÃO SEBASTIÃO DO PASSÉ/BA**

Dia 18 de outubro de 2019

Apresentação do solo *Lugar de Preta. Uma Conversa Performance Autobiográfica*.

## **NOVEMBRO DAS ARTES NEGRAS DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA (FUNCEB) NO COMPLEXO PENITENCIÁRIO FEMININO LEMOS DE BRITO**

Dia 21 de novembro

Apresentação do solo *Lugar de Preta. Uma Conversa Performance Autobiográfica*, seguida de bate-papo com as detentas no Complexo Penitenciário Feminino Lemos de Brito<sup>47</sup>.

### ***Lugar de Preta no Presídio Feminino de Salvador***

*Na manhã ensolarada do dia 21 de novembro de 2019, encontrei uma plateia atenta formada por cerca de 20 internas do Conjunto Penal Feminino da Mata Escura em Salvador. Meu solo aconteceu dentro de uma cela que foi preparada para receber algumas imagens projetadas em uma parede e uma iluminação cênica possível naquela circunstância, já que era muito importante para mim levar às mulheres em situação de prisão um espetáculo de dança tão cuidadoso quanto o que eu apresentara antes em outros espaços.*

*O solo que dancei é autobiográfico. Danço e converso sobre minha carreira profissional e a dificuldade de encontrar outras bailarinas negras como eu nos palcos das cias oficiais de dança no Brasil. Receber a atenção daquela plateia e perceber o quanto aquelas mulheres, em sua maioria negra como eu, se emocionavam com minha trajetória contada por meio dos meus movimentos foi muito impactante pra*

---

47 Sankofa é um ideograma presente no adinkra, conjunto de símbolos ideográficos dos povos acã (África Ocidental), representado por um pássaro que volta a cabeça para o seu rabo. Este símbolo é traduzido por: "retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro".

*todas nós. A emoção daquela plateia sensível que reagia principalmente a cada signo de empoderamento e resistência que viam no solo, mostrou às pessoas ali naquele ambiente hostil o quanto pode ser potente e transformador um encontro mediado pela Arte.*

*Em muitos momentos da apresentação me surpreendi com o silêncio naquela cela, resultante da atenção dedicada pelas Detentas aos movimentos e gestos que eu fazia. Sensíveis às imagens projetadas na parede e às suas narrativas, as Internas me emocionaram ao fim da apresentação quando quiseram conversar e me contar detalhadamente cada momento que havia lhes marcado de algum modo.*

*Eu ali, como uma representante de quem havia driblado o sistema que insiste em encarcerar mulheres negras, senti a responsabilidade de alimentar o imaginário daquelas pessoas e fui presenteada pela oportunidade de observar subjetividades tão complexas e inspiradoras para os meus modos de ser artista no mundo.*

## **NOVEMBRO DAS ARTES NEGRAS DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA NA SALA KING (SEDE FUNCEB – PELOURINHO)**

Dia 29 de novembro

Apresentação do solo *Lugar de Preta. Uma Conversa Performance Autobiográfica* seguida de bate-papo com estudantes do Sesc - Senac Pelourinho

## **ESPETÁCULO DO BALÉ TEATRO CASTRO ALVES NO MUSEU DE ARTE MODERNA DA BAHIA/MAM-BA**

Dia 31 de janeiro de 2020

Apresentação do solo *Lugar de Preta. Uma Conversa Performance Autobiográfica.*

**Imagem 18** - Cartaz de divulgação da apresentação do solo *Lugar de Preta. Uma Conversa Performance Autobiográfica*, 2020

**BTCA**  
Pôr do Sol

**PERFORMANCES**  
PACÍFICO | TRAVESSIA | LUGAR DE PRETA

**31/jan\_17h30**  
📍 Museu de Arte Moderna da Bahia

**entrada gratuita**

Foto por Matheus Pereira GovBA

mem IPAC btca FUNCEB GOVERNO DO ESTADO SECRETARIA DE CULTURA

Fonte: Balé Teatro Castro Alves.

## **PROJETO VOLTANDO AOS PALCOS, DO TEATRO CASTRO ALVES, COM O BALÉ TEATRO CASTRO ALVES (BTCA) E A ORQUESTRA SINFÔNICA DA BAHIA (OSBA)**

Dia 02 de outubro de 2020

Criação e atuação, junto com o bailarino Jai Bispo, do espetáculo “Entre a minha mão e a sua há mais que um abraço”, transmitido ao vivo da Sala do Coro do Teatro Castro Alves pela TVE Bahia e pelo canal do *YouTube* do TCA.

Durante o isolamento social muitas pessoas se sentiram provocadas a refletir sobre seus próprios valores e propósitos na vida diante da incerteza de um futuro



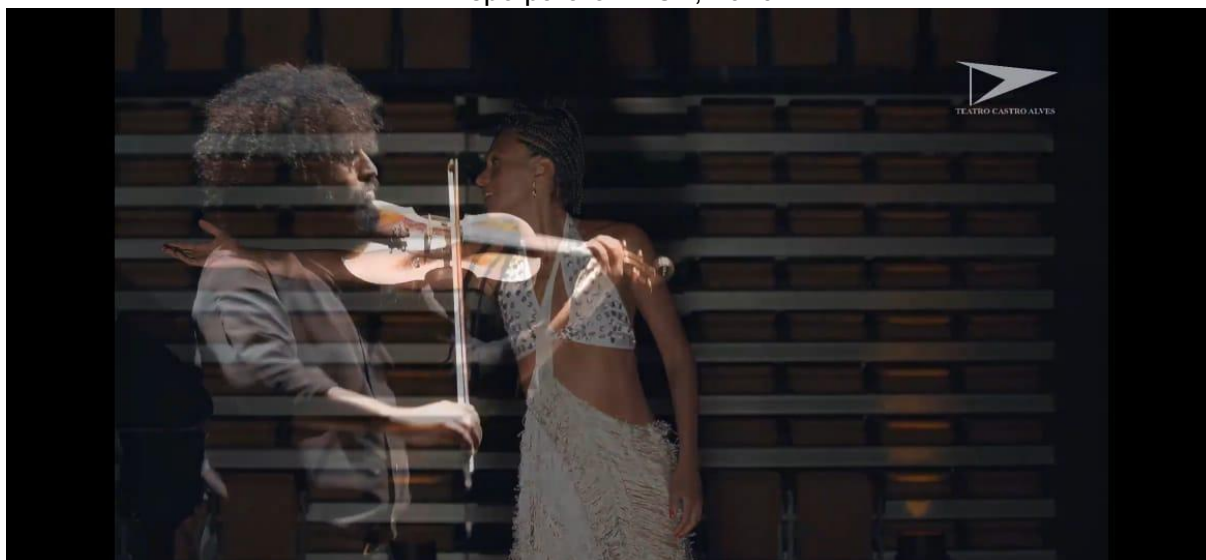
possível. Acontecimentos no mundo inteiro nos provocaram a repensar hábitos, crenças, desejos e sonhos. Floresta em chamas, aumento da desigualdade social, dificuldades financeiras de artistas que ficaram sem possibilidade de trabalhar durante a pandemia... são muitos os assuntos que nos impactam.

Mas dentre tantos, são as notícias sobre agressões e assassinatos covardes de pessoas negras que nos atravessam diretamente. Flagrantes dessa violência evidenciaram, aos que ainda se negavam a admitir, o quão é difícil a experiência de ser uma pessoa negra nesse planeta. No esforço de nos manter altivos e de nos fortalecer nesse contexto, valorizar nossas subjetividades e honrar nossos ancestrais é uma jornada poderosa.

*Entre a minha mão e a sua há mais que um abraço* trata da celebração de nossas realidades ancestrais a partir do caminho de nossas mãos até o encontro de nosso abraço. Nessa jornada, exercitamos expandir nosso toque, experimentar nossas pequenas mortes cotidianas e nossos constantes renascimentos.

\*Ficha Técnica: Jai Bispo (BTCA), Luiza Meireles (BTCA), Mário Soares (OSBA) e o Maestro Eduardo Torres (OSBA).

**Imagem 19** - *Entre a minha mão e a sua há mais que um abraço* de Luiza Meireles e Jai Bispo para o BTCA, 2020



Fonte: acervo pessoal.

## **FILME DANÇA “BENÇÃO, DANÇA, VENÇA”**

Dia 28 de dezembro de 2020

Lançamento e disponibilização no site da Casa Rosa, espaço cultural em Salvador/Bahia;

Benção, Dança, Vença<sup>48</sup>.

**2.1.6 PARTICIPAÇÃO EM MESAS, DEBATES, COLÓQUIOS E LIVES  
V SEMINÁRIO DE CRIAÇÃO EM DANÇA DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO  
ESTADO DA BAHIA (FUNCEB), EM SÃO SEBASTIÃO DO PASSÉ/BA**

Dia 18 de outubro de 2019

Participação na Mesa: Processos Criativos em Dança, seguida de bate-papo com artistas de dança da cidade de São Sebastião do Passé/BA.

**CÍRCULO DE CONVERSA: UMA COISA LEVA A OUTRA. PROCESSOS  
CRIATIVOS DE CINCO ARTISTAS NEGRAS GESTIONADOS NO ATLÂNTICO  
SUL. EVENTO PROMOVIDO PELO GOETHE-INSTITUT E PELA CASA RESPEITA  
AS MINA**

Dia 08 de maio de 2020

Participação com Loíá Fernandes (Brasil), Lindiwe Matshikiza (África do Sul), Mwenya Kabwe (Zâmbia-África do Sul) e Candai Calmon (Brasil), com tradução simultânea, em conversa mediada pela jornalista Mira Silva.

---

48 Link para acesso: <<http://www.fundacaocultural.ba.gov.br/2019/11/13998/NovembroArtesNegras-Internos-e-internas-tiveram-oficina-de-Caixa-Magica-e-apresentacao-do-BTCA.html>>.

**Imagem 20 - Círculo de Conversa: Uma Coisa Leva a Outra**

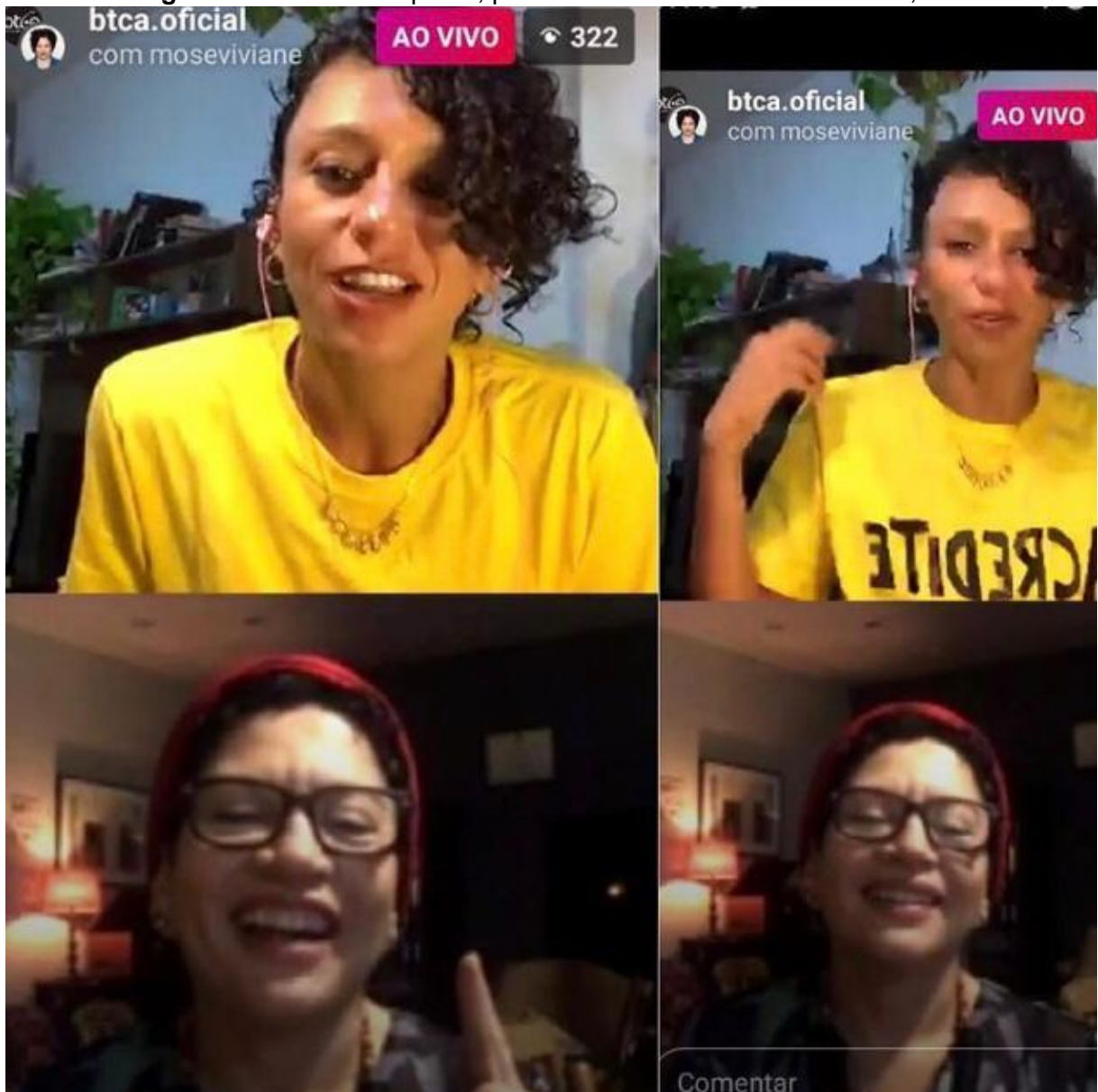


Fonte: acervo pessoal.

**LIVE DO BALÉ TEATRO CASTRO ALVES**

Dia 14 de maio de 2020

**Imagem 21** - Live com a poeta, psicanalista e filósofa Viviane Mosé, 2020



Fonte: acervo pessoal.

### **LIVE "FALANDO DE RAÇA E GÊNERO NA DANÇA"**

Dia 08 de agosto de 2020

Participação a convite da atriz e comunicadora Mariana Freire.

### **LIVE DO PROJETO CONVERSAS PLUGADAS, DO TEATRO CASTRO ALVES**

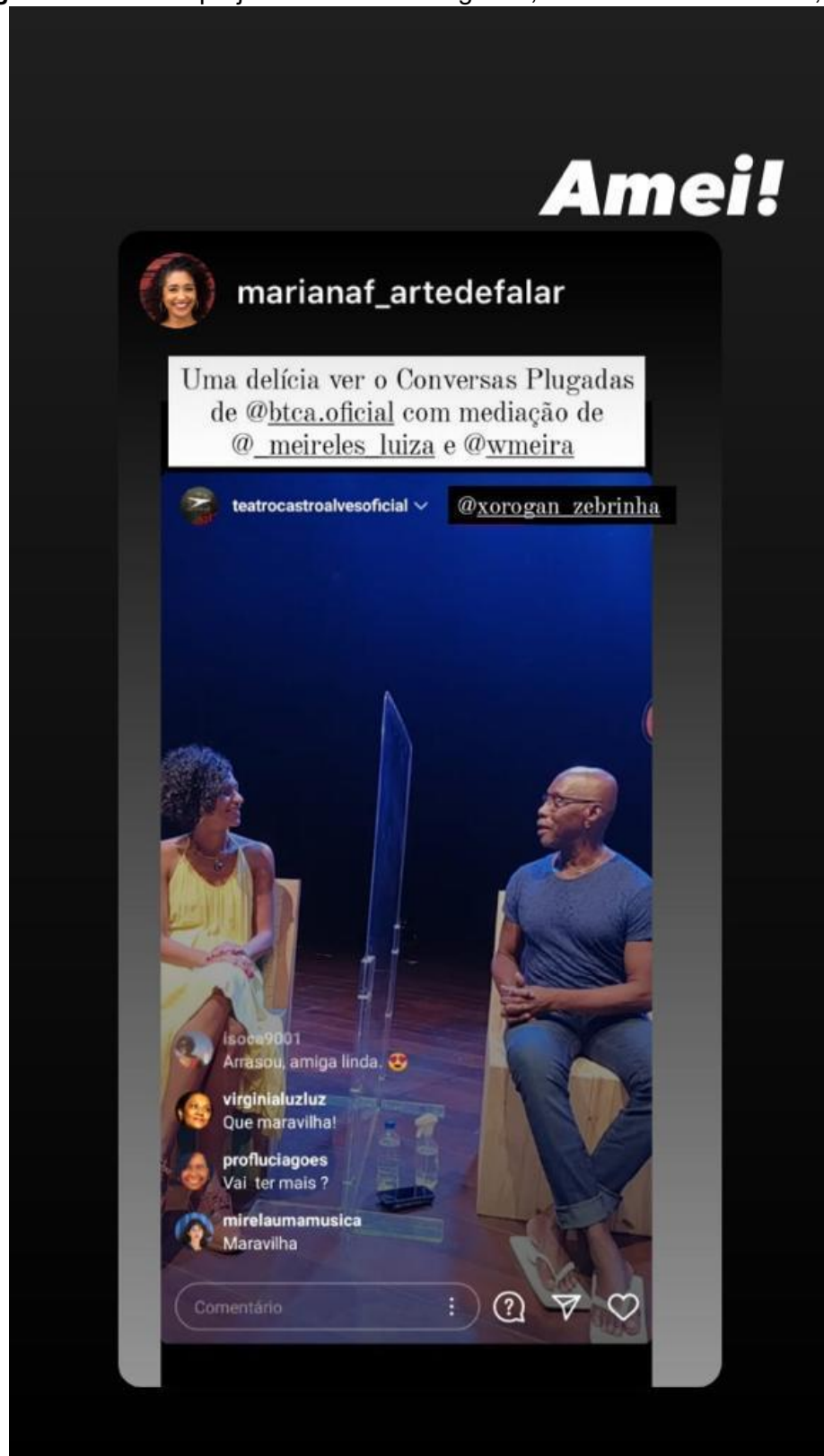
Dia 25 de novembro de 2020

Participação como mediadora junto com Wanderley Meira (Diretor do Balé teatro Castro Alves) em conversa com Zebrinha e Vavá Botelho, diretores do Balé Folclórico da Bahia.

**QUARTA EDIÇÃO DO NOVEMBRO DAS ARTES NEGRAS**

Participação no Seminário Políticas Culturais e as Artes Negras: Uma Experiência na Bahia com a presença da Diretora da Fundação Cultural do Estado da Bahia, Renata Dias, da presidente da Comissão de Cultura da Câmara dos Deputados, a Deputada Federal Alice Portugal, e da presidente da Comissão de Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e Serviços Públicos da Assembleia Legislativa da Bahia, a Deputada Estadual Fabiola Mansur.

Imagem 22 - Live do projeto Conversas Plugadas, do Teatro Castro Alves, 2020



Fonte: acervo pessoal.

## 2.2 FILME DANÇA “BENÇÃO, DANÇA, VENÇA”

[https://drive.google.com/file/d/1xrRIK5rKg31QL\\_oqXmFTKDZQgcCRvHmc/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1xrRIK5rKg31QL_oqXmFTKDZQgcCRvHmc/view?usp=sharing)

## 2.3 XIRÊ VIRTUAL: ORALIDADE, RELATOS DE EXPERIÊNCIA E AFETOS\_ENTREVISTAS

O Xirê foi uma das ações realizadas para a criação do “Manual de Sobrevivência para bailarinas negras em Cias Públicas de Dança no Brasil.

- 08 (oito) Entrevistas realizadas via plataforma *Zoom*;
- Duração média de 01 h;
- Entrevistas semiestruturadas;
- Transcrições não descritas;
- Análise temática e estatística;
- Fonte auxiliar da pesquisa;
- Entrevistadas/os: Mariana do Rosário (Bailarina do Grupo Corpo)<sup>49</sup>, Dayana Brito (Bailarina do BTCA), Lorena Oliveira (Artista de Dança e Mestre em Dança)<sup>50</sup>, Otávio Portela (Bailarino da São Paulo Cia de Dança), Fabiana Nunes (Diretora Dramatúrgica e Ensaiadora da Companhia de Ballet da Cidade de Niterói), Chica Silva (Diretora do Balé da Cidade de Teresina), Edifranc dos Santos (Bailarino do Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro) e Ivan Sodré (Bailarino do Cia de Dança Palácio das Artes).

---

49 Solo que deu início à pesquisa sobre a falta de bailarinas negras em cias oficiais de Dança no Brasil.

50 Apresentação do solo *Lugar de Preta. Uma Conversa Performance Autobiográfica*.

**Imagem 23** - *A História do Soldado* de Jorge Silva para o Balé Teatro Castro Alves, 2019



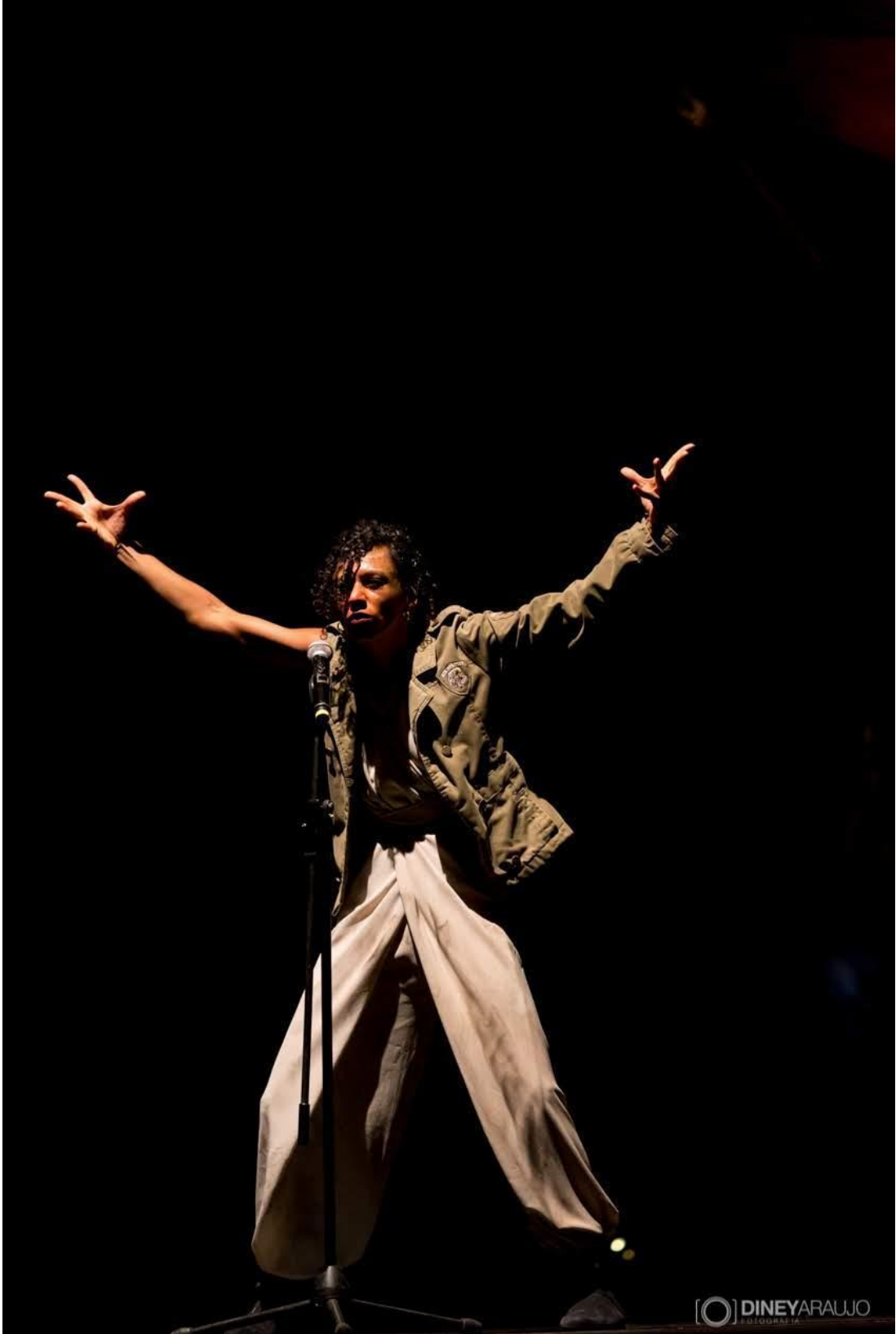


Foto: Diney Araújo.

## 3 INÍCIO

### 3.1 AVANÇANDO PARA O COMEÇO

**Imagem 24** - Praia de Amaralina, 1983



Fonte: acervo pessoal.

Olhando pra trás compreendo como é fundamental seguir em frente!

Sou filha de um casal interracial formado por pai negro e mãe, de pele clara e cabelo crespo, que se autodeclara branca. No meu núcleo familiar materno, eu e meu pai éramos os únicos negros. Lembro com muita alegria dos encontros com meu avô materno, um descendente de português de pele muito branca e olhos muito azuis. Eu e meu pai, sempre os únicos negros naquele ambiente, éramos recebidos de forma bastante carinhosa em meio a muitas cordas de salaminho penduradas no teto do mercadinho de Vovô Hamilton. Mas, não era difícil perceber que nossa presença despertava um interesse diferente naquela parte da família.

Não éramos ricos mas vivíamos com certa tranquilidade como uma família de classe média. Com o salário de servidor público federal do meu pai, primeiro negro a

passar no concurso da Caixa Econômica Federal, e com os rendimentos que minha mãe conseguia em sua loja de roupas, me foi possibilitado estudar em ótimas escolas (particulares). Nessas escolas não me lembro de ter estudado com outras meninas pretas. Na escola de inglês, no curso de teatro, nas aulas de ginástica olímpica e na academia de balé, eu me recordo perfeitamente: fui a única menina negra.

Desde criança eu tinha noção de que havia herdado do meu pai o amor pelos livros. Mas foi durante a pesquisa de mestrado profissional que descobri que também herdei de Seu Hélio a sina de ser a primeira pessoa preta em diferentes espaços sociais. Assim como Kilomba (2019), conheço o fardo de ser a negra única em ambientes majoritariamente brancos:

Alguns anos mais tarde, eu ainda era a única estudante negra no meu colóquio, e depois a única docente negra no meu departamento e uma das poucas em toda a instituição. Não posso ignorar quão difícil é para nossos corpos escaparem às construções racistas sobre eles, dentro da academia. (KILOMBA, 2019, p. 64-65)

Sim, ainda que eu não soubesse, fui forjada para sobreviver (e vencer!) em ambientes hostis à minha presença. Para tanto, escolhi me posicionar contrariamente ao *status quo* em inúmeras oportunidades. Com toda sinceridade, ser voz dissonante diante do pacto narcísico da branquitude<sup>51</sup> requer disposição e coragem.

O caminho é tortuoso mas pode valer a pena!

É preciso dizer que ainda estamos distantes do que seria aceitável. Não há contentamento pelo número ainda pequeno de novas contratações de bailarinas negras por Cias Públicas de Dança. Mas há celebração por conquistas nunca antes alcançadas, pois celebrar também é uma forma de resistência!

Sigo, então, acreditando e perseguindo a equivalência e não somente a representatividade!

### Imagem 25 - Sankofa<sup>52</sup>

---

51 Link para acesso: <<https://ufrb.edu.br/portal/noticias/4800-em-seus-12-anos-ufrb-comemora-maioria-negra-e-pobre-no-ensino-superior>>.

52 Link para acesso: <<https://www.instagram.com/p/COQf9ThBswG/>>.



Fonte: acervo pessoal.

Avançando para o começo, me recordo que minha entrada no PRODAN foi cheia de significados e afetos surpreendentes. A começar pela aprovação com tamanha deferência por meio de pontuação que muito me tocou!

Próxima de me despedir do programa, compreendo ainda mais a afirmação de Nego Bispo de que nós, o povo preto, vivemos numa dinâmica de início – meio – início. Não conjecturamos o fim.

*Daqui, olhando pra trás, vejo ali na frente um novo início!*



## RESULTADO FINAL DA SELEÇÃO TURMA 2019

Este resultado é apresentado com base na Resolução 01 de 11 de janeiro de 2017 do Conselho Acadêmico de Ensino-CAEda Universidade Federal da Bahia que "Institui normas para procedimentos, editais e reservas de vagas para processos seletivos na Pós-Graduação stricto-sensu da UFBA". -A seguir:

1. Aprovados (as) – candidatas e candidatos que preencheram as 15 (quinze) vagas estabelecidas no EDITAL 2019;
2. Classificados (as) – candidatas e candidatos classificados com média igual ou maior que 7,0 (sete);

### CANDIDATOS (AS) APROVADOS (AS)

	CANDIDATO	CARTA DE INTENÇÃO	CURRÍCULO	PORTFÓLIO	APRESENTAÇÃO / ARGUMENTAÇÃO	MÉDIA FINAL	OPTANTE POR COTAS
1	MARIA LUIZA DA SILVA MEIRELES	10,00	10,00	10,00	10,00	10,00	Sim
2	REGIVALDO GOMES DA SILVA	9,4	10,00	9,5	10,00	9,72	Sim
3	TÂNIA MARIA NASCIMENTO BISPO	9,60	10,00	9,5	9,63	9,68	-
4	CANDAI CALMON BISPO DOS SANTOS	10,00	9,60	8,75	9,66	9,50	Sim
5	CLEONILDES MARIA DA FONSECA SANTOS	8,00	10,00	9,60	10,0	9,40	-
6	INAH IRENAM OLIVEIRA DA SILVA	9,00	9,00	10,00	9,56	9,39	Sim
7	ADRIANA BAMBERG MARQUES MELLO	8,20	10,00	9,5	9,5	9,30	-
8	JOÃO PERENE NETO	9,20	9,25	9,00	9,63	9,27	-
9	NAILTON RONEI LIMA	8,60	8,50	10,0	9,8	9,22	-
10	RAIMUNDO SIMÕES DE SANTANA	9,30	9,50	10,00	8,00	9,20	-
11	FRANCISCA JOCELIA DE OLIVEIRA FREIRE	8,80	9,80	10,00	8,00	9,15	Sim
12	SUELI MACHADO RAMOS	9,00	9,5	9,5	8,5	9,10	Sim
13	DANILO DOS SANTOS FERREIRA	9,10	9,40	8,20	8,8	8,87	Sim
14	LEONARDO AUGUSTO LUZ ALCANTARA SILVA	7,00	10,00	8,00	9,00	8,50	Sim
15	LORENA CONCEIÇÃO MOREIRA DE OLIVEIRA	7,70	8,50	8,75	8,00	8,23	Sim

Av. Adhemar de Barros, S/N  
Campus de Ondina, Salvador  
BA, CEP: 40170-110  
Telefone: (71) 3283-4579  
dancx@ufba.br

Fonte: acervo pessoal.



Foto: Fábio Bouzas.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. Tradução: Cristina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

\_\_\_\_\_. **O perigo de uma história única**. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALVES, M. C.; JESUS, J. P. de; SCHOLZ, D. **Paradigma da afrocentricidade e uma nova concepção de humanidade em saúde coletiva**: reflexões sobre a relação entre saúde mental e racismo. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-11042015000300869](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042015000300869)>. Acesso em: 3 mar. 2021.

BARROS, M. de. **Livro Sobre Nada**. 3. ed. São Paulo: Editora Record, 1996.

BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BORGES, J. **Encarceramento em Massa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

\_\_\_\_\_. **Feminismo Negro**: O grito que irrompe o silêncio. Portal Feminismos Plurais, 2020.

BORGES, R. Para ir muito além da crítica ao "Identitarismo". **Portal Outra Palavras**. Disponível em: <[https://outrapalavras.net/descolonizacoes/para-ir-muito-alem-da-critica-ao-identitarismo/?ct=t%28DA\\_REDACAO\\_19\\_07\\_2020\\_bell+hooks%2Cpor+favor%29&mc\\_cid=1251224201&mc\\_eid=%5BUNIQID%5D](https://outrapalavras.net/descolonizacoes/para-ir-muito-alem-da-critica-ao-identitarismo/?ct=t%28DA_REDACAO_19_07_2020_bell+hooks%2Cpor+favor%29&mc_cid=1251224201&mc_eid=%5BUNIQID%5D)>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CARNEIRO, S. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Sueli carneiro; Pólen, 2019.

CANTON, K. **Narrativas Enviesadas**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CARVALHO, J. J. Encontro de Saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. *In*: BERNADINO-COSTA J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Coleção Cultura negra e Identidades. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

COLLINS, P. H. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**. Tradução: Juliana de Castro Galvão, v. 31, n. 1, 2016.

COMPANHIAS Oficiais de Danças Brasileiras. *In*: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo636119/companhias-oficiais-de-dancas-brasileiras>>. Acesso em: 14 set. 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, 2002.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: ALEXANDRE, M. A. (Org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Maza Edições, 2007.

\_\_\_\_\_. **Poemas da Recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FANON, F. **Peles Negras, Máscaras Brancas**. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOMES, N. L. **Trajetória escolares, corpo negro e cabelo crespo**: reprodução de esteriótipos ou resignificação cultural. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/D7N3t6rSxDjmrXRHf5nTC7r/>>. Acesso em: 19 jan. 2022.

GONÇALVES, A. M. **Um defeito de cor**. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, b. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. Tradução: Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

\_\_\_\_\_. **Olhares Negros:** raça e representação. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação:** episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, A. **A vida não é útil.** Pesquisa e Organização: Rita Carelli. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

\_\_\_\_\_. **Ideias para adiar o fim do mundo.** Pesquisa e Organização: Rita Carelli. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEPECKI, A. **Coreopolítica e Coreopolícia.** EUA: Tisch School of the Arts. New York University, 2012.

MARCONDES, M. M. **Dossiê Mulheres Negras:** retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. *In:* MARCONDES, M. M.; PINHEIRO, L.; QUEIROZ, C.; QUERINO, A. C.; VALVERDE, D. (Orgs.). Brasília, 2013.

MOREIRA, A. J. **Pensando como um negro:** ensaio de hermenêutica jurídica. São Paulo: Editora Contracorrente, 2019.

\_\_\_\_\_. Privilégio e Opressão. **Revista Observatório Itaú Cultural.** São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

\_\_\_\_\_. **Racismo recreativo.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

\_\_\_\_\_. **Tratado de Direito Antidiscriminatório.** São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

MORRISON, T. **Amada.** Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **O olho mais azul.** Tradução: Manoel Paulo Ferreira; com posfácio da autora. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NOGUERA, R. Amenemope, o coração e a filosofia, ou, a cardiografia (do pensamento). *In:* BRANCAGLION, A. S. Estudo de Egiptologia II. Rio de Janeiro, 2015.

OLIVEIRA, E. **Filosofia da Ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira.** 2005. 353 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

OYÈRONKÉ, O. **Visualizando o corpo:** Teorias ocidentais e sujeitos africanos. Disponível em: <[https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%C3%A91%BA%B9%CC%81\\_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD\\_-\\_visualizando\\_o\\_corpo.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%C3%A91%BA%B9%CC%81_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_visualizando_o_corpo.pdf)>. Acesso em: 27 out. 2021.

RAMOSE, M. B. **Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana.** Ensaio Filosófico, Vol. IV – outubro 2011.



RIBEIRO, D. O que nos torna mulheres? Os perigos de novas normatizações e a importância do caminho descontínuo. **Revista Observatório Itaú Cultural**. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

\_\_\_\_\_. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Letramento, 2017.

\_\_\_\_\_. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

\_\_\_\_\_. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, A. B. **Quilombos, Modos e Significados**. Teresina: Editora COMEPI, 2007.

SANTOS, M. "Como é ser negro no Brasil" (Entrevista). **Portal GELEDÊS**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/como-e-ser-negro-no-brasil-por-milton-santos>>. Acesso em: 03 dez. 2020.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido" o "branco" e o "branquíssimo"**: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SILVA, C. da. **Cada tridente em seu lugar**. 3. ed. São Paulo: Mazza Edições, 2006.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da Intimidade**. São Paulo: Odysseus, 2003.

SOUSA, N. S. **Tornar-se negro ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

X, M. **Autobiografia de Malcolm X**. Tradução: A. B; Pinheiro de Lemos. Com a colaboração de Alex Haley. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

Imagem 28 - *Urbis in Motus* para o Balé Teatro Castro Alves, 2017



Foto: Fábio Bouzas.

*Aquele que não sabe para onde vai, deve saber pelo menos de onde vem.*

Ditado Fon no Benin<sup>53</sup>

---

53 Fonte oral (em busca de uma fonte escrita).